

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**ESCOLA DE BELAS ARTES**  
**COMUNICAÇÃO VISUAL DESIGN**

**NATHAN COELHO DA ROCHA**

**Efemérida:**

**Uma fantasia visual entre o *heavy metal* e a música brasileira**

**RIO DE JANEIRO**

**2024**

**NATHAN COELHO DA ROCHA**

**Efemérida:**

**Uma fantasia visual entre o *heavy metal* e a música brasileira**

Monografia de final de curso, apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design.

Orientação: Professor Dr. Leonardo Ventapane Pinto de Carvalho.

**RIO DE JANEIRO**

**2024**

# NATHAN COELHO DA ROCHA

## Efemérida:

### Uma fantasia visual entre o *heavy metal* e a música brasileira

Monografia de final de curso, apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design.

Orientação: Professor Dr. Leonardo Ventapane Pinto de Carvalho.

Aprovado em: 13 de agosto de 2024.

## BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 LEONARDO VENTAPANE PINTO DE CARVALHO  
Data: 24/08/2024 15:50:09-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Leonardo Ventapane Pinto de Carvalho (orientador)  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente  
 IRENE DE MENDONÇA PEIXOTO  
Data: 21/08/2024 09:44:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Irene Mendonça Peixoto  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente  
 HENRIQUE CESAR DA COSTA SOUZA  
Data: 23/08/2024 10:02:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Henrique Cesar Souza  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

## CIP - Catalogação na Publicação

R672e Rocha, Nathan Coelho da  
Efemérida: Uma fantasia visual entre o heavy  
metal e a música brasileira / Nathan Coelho da  
Rocha. -- Rio de Janeiro, 2024.  
73 f.

Orientador: Leonardo Ventapane Pinto de Carvalho.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,  
2024.

1. Capa de álbum. 2. Música. 3. Transformação. 4.  
Disco de vinil. 5. Heavy metal. I. Carvalho,  
Leonardo Ventapane Pinto de, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à minha família; principalmente meu pai, Mário, pelo suporte de sempre e por ter plantado a semente do meu amor pela música.

À minha irmã Karina, cunhado Allan e tia Lúcia simplesmente por serem pessoas incríveis que tanto me ajudaram, estando tão presentes, principalmente na reta final do desenvolvimento deste trabalho.

Aos grandes amigos Camila, Gibson, Julie, Marcus, Nicholas e Stéphanie sem os quais minha graduação teria sido muito menos repleta de risadas e momentos que guardarei para sempre com carinho. Obrigado pela parceria, molecada, vocês são incríveis.

Ao Fernando, meu “conselheiro” ao longo deste trabalho, e ao Pedro, que tanto acalmou meu psicológico com suas palavras durante os últimos meses. Ambos, irmãos que a vida me deu. Muito obrigado, este projeto não teria saído se não fosse pela ajuda de vocês.

Assim como o Francesco, grandíssimo amigo que a um oceano de distância se fez tão presente no meu momento de maior dificuldade.

Ao professor Leonardo Ventapane, meu orientador neste projeto e instigador de ideias sem as quais o resultado não teria sido tão satisfatório.

À Silver Lining Music pela solicitude e vinis doados.

Em especial, agradeço à minha mãe, Shirley, pelo apoio e parceria inabaláveis. Só ela sabe o quão difíceis foram os últimos meses e a entrega deste projeto. Te amo muito, minha mãe. Muito obrigado por tudo.

E finalmente à Sophia, que acompanhou a maior parte da minha graduação e parte deste projeto muito de perto. Obrigado pelo apoio, mesmo quando eu mesmo duvidei da minha capacidade. Torço para que esteja bem e feliz.

## RESUMO

O projeto “Efemérida” busca entender as manifestações visuais dentro do gênero musical *heavy metal* ao passo que desenvolve uma narrativa contada através das capas de álbum de uma banda fictícia. O trabalho se inicia por um breve passeio pelas tendências existentes no metal e seus subgêneros, seguido de um estudo do ressurgimento do disco de vinil enquanto mídia proeminente em um mundo cada vez mais digital. A partir dos conhecimentos adquiridos durante essas duas pesquisas foi então criada uma banda fictícia que mistura diversos subgêneros do metal a gêneros de música brasileira. Desde sua discografia, nome e identidade visual até a elaboração do projeto gráfico de cada um dos seus quatro álbuns, este trabalho explora o diálogo entre som e imagem ao passo que investiga particularidades dos diferentes cantos do espectro da música pesada. Seu produto final são as capas dos quatro álbuns da banda, materializados em protótipos de alta fidelidade de embalagens de discos de vinil.

**Palavras-chave:** capa de álbum, música, transformação, disco de vinil, heavy metal.

## **ABSTRACT**

The “Efemérida” project seeks to understand the visual manifestations within the heavy metal musical genre while developing a narrative told through the album covers of a fictional band. The work begins with a brief tour of existing trends in metal and its subgenres, followed by a study of the resurgence of the vinyl record as a prominent medium in an increasingly digital world. Based on the knowledge acquired during these two research studies, a fictional band was created that mixes different metal subgenres with Brazilian music genres. From its name and visual identity to the creation of the graphic design for each of its four albums, this work explores the dialogue between sound and image while investigating particularities of the different corners of the heavy music spectrum. Its final product is the covers of the band's four albums, materialized in high-fidelity prototypes of vinyl record packaging.

**Keywords: album artwork, music, transformation, vinyl disc, heavy metal.**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Battle vest</i> , jaqueta na qual o dono coleciona <i>patches</i> de bandas .....	15
Figura 2: <i>Corpse paint</i> .....	15
Figura 3: Alguns logotipos de <i>black e death metal</i> .....	16
Figura 4: Logotipo da banda Slayer .....	17
Figura 5: Capa do álbum <i>The Number of the Beast</i> , do Iron Maiden .....	18
Figura 6: Variante do álbum <i>It All Began With Loneliness</i> , do The Anchoret.....	21
Figura 7: Variantes de discos do álbum <i>Stone</i> da banda Baroness (fragmento).....	22
Figura 8: Algumas capas sem informação textual.....	23
Figura 9: Imago (adulto) do gênero <i>Hexagenia</i> , família <i>Ephemeridae</i> .....	27
Figura 10: Diferentes versões dos logotipos do Metallica e do Enslaved.....	28
Figura 11: A tipografia Darksoul .....	29
Figura 12: Exemplos de logotipos de bandas de <i>doom metal</i> .....	30
Figura 13: Logotipo final da fase <i>doom metal</i> .....	30
Figura 14: Alguns logotipos de bandas de <i>power metal</i> .....	31
Figura 15: Desconstrução do primeiro logotipo a partir de formas básicas.....	31
Figura 16: Logotipo final da fase <i>power metal</i> .....	31
Figura 17: Logotipo final da fase <i>deathrash</i> .....	32
Figura 18: Alguns logotipos que serviram de inspiração para a fase progressiva .....	33
Figura 19: Logotipo final da fase progressiva.....	34
Figura 20: As paletas elaboradas por Friconnet (adaptado).....	36
Figura 21: Exemplo de capa no formato <i>gatefold</i> .....	37
Figura 22: Algumas capas do Iron Maiden .....	38
Figura 23: “Criança morta” por Candido Portinari .....	40
Figura 24: “Retirantes” por Candido Portinari.....	40
Figura 25: Spread externo do álbum de <i>doom</i> diagramado.....	42
Figura 26: Capa do álbum <i>Awake</i> , do Dream Theater.....	42
Figura 27: Spread interno do álbum de <i>doom</i> diagramado .....	43
Figura 28: Spread de uma das luvas do álbum de <i>doom metal</i> .....	44
Figura 29: Rótulos dos discos do álbum de <i>doom</i> .....	44
Figura 30: Spread externo do álbum de <i>deathrash</i> diagramado.....	47
Figura 31: Capa do álbum <i>Covenant</i> , do Morbid Angel .....	48
Figura 32: Capa do álbum <i>Roots</i> , do Sepultura.....	48
Figura 33: Algumas capas de <i>death metal</i> .....	49

Figura 34: Spread interno do álbum de <i>deathrash</i> diagramado .....	49
Figura 35: Spread de uma das luvas do álbum de <i>deathrash</i> .....	50
Figura 36: Rótulos dos discos do álbum de <i>deathrash</i> .....	50
Figura 37: Algumas capas de álbuns de <i>power metal</i> .....	52
Figura 38: Spread externo do álbum de <i>power</i> diagramado.....	54
Figura 39: Spread interno do álbum de <i>power</i> diagramado .....	55
Figura 40: Spread de uma das luvas do álbum de <i>power metal</i> .....	56
Figura 41: Spreads externo e interno do encarte do álbum de <i>power</i> diagramados.....	57
Figura 42: Rótulos dos discos do álbum de <i>power</i> .....	58
Figura 43: Spread externo do álbum progressivo diagramado.....	60
Figura 44: Spread interno do álbum progressivo diagramado .....	61
Figura 45: Spread de uma das luvas do álbum de metal progressivo.....	62
Figura 46: Rótulos dos discos do álbum progressivo.....	62
Figura 47: Spreads dos dois lados do encarte do álbum progressivo diagramados .....	63
Figura 48: Spread da sobrecapa do álbum progressivo diagramada .....	64
Figura 49: Sobrecapa, capa e disco do <i>Eternal Blue</i> , álbum do Spiritbox.....	65
Figura 50: Frente e verso do <i>Colors II</i> , álbum do Between the Buried and Me .....	65
Figura 51: Perfil do Efemérida no Spotify .....	66

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Matriz de distância dos subgêneros selecionados.....	25
Tabela 2: Coeficientes da progressão da banda, passo a passo .....	25
Tabela 3: Técnicas e temas usados em capas de álbuns de metal (fragmento) .....	35
Tabela 4: Listagem de faixas do álbum de <i>doom metal</i> .....	39
Tabela 5: Listagem de faixas do álbum de <i>deathrash</i> .....	46
Tabela 6: Listagem de faixas do álbum de <i>power metal</i> .....	51
Tabela 7: Listagem de faixas do álbum de metal progressivo.....	59

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 O METAL ENQUANTO GÊNERO MUSICAL</b> .....	12
1.1 A IMPRECISÃO TAXONÔMICA DOS SUBGÊNEROS DE METAL .....	12
1.2 O ASPECTO DISFORME DO GÊNERO .....	12
1.3 O METAL EM CONFLUÊNCIA COM A CULTURA BRASILEIRA .....	13
1.4 AS MANIFESTAÇÕES VISUAIS DERIVADAS DO METAL .....	14
<b>2 O RESSURGIMENTO DO VINIL</b> .....	18
2.1 O SENTIMENTO ATRELADO À MÍDIA .....	19
2.2 O VINIL ENQUANTO ITEM DE COLECIONADOR .....	21
2.3 VINIL x <i>STREAMING</i> : OS INABALÁVEIS COSTUMES DO METAL .....	22
<b>3 UMA FANTASIA MUSICAL</b> .....	24
3.1 ESTABELECENDO UMA PROGRESSÃO COERENTE .....	24
3.2 <i>PLAYLISTS</i> LEVADAS A SÉRIO .....	25
<b>4 A IDENTIDADE DA BANDA</b> .....	27
4.1 NOME DA BANDA .....	27
4.2 ELABORAÇÃO DO(S) LOGOTIPO(S) .....	28
4.2.1 Logotipo da fase <i>doom</i> .....	29
4.2.2 Logotipo da fase <i>power</i> .....	30
4.2.3 Logotipo da fase <i>deathrash</i> .....	31
4.2.3 Logotipo da fase progressiva .....	33
<b>5 PESQUISA GRÁFICA E PRÉ-PRODUÇÃO GERAL</b> .....	34
5.1 TEMAS E TÉCNICAS .....	34
5.2 <i>PACKAGING</i> .....	36
<b>6 ELABORAÇÃO DAS CAPAS</b> .....	37
6.1 VINIL <i>DOOM METAL</i> .....	38
6.1.1 Pré-produção <i>doom</i> .....	39
6.1.2 Exterior da capa <i>doom</i> .....	40
6.1.3 Interior da capa <i>doom</i> .....	43
6.1.4 Outros itens do projeto <i>doom</i> .....	43
6.1.5 Nome do álbum <i>doom</i> .....	45
6.2 VINIL <i>DEATHRASH</i> .....	45
6.2.1 Pré-produção e nome do álbum <i>deathrash</i> .....	45
6.2.2 Exterior da capa <i>deathrash</i> .....	46

6.2.3 Interior da capa <i>deathrash</i> .....	49
6.2.4 Outros itens do projeto <i>deathrash</i> .....	50
6.3 VINIL <i>POWER METAL</i> .....	51
6.3.1 Pré-produção e nome do álbum <i>power</i> .....	51
6.3.2 Exterior da capa <i>power</i> .....	53
6.3.3 Interior da capa <i>power</i> .....	55
6.3.4 Outros itens do projeto <i>power</i> .....	55
6.4 VINIL PROGRESSIVO .....	58
6.4.1 Pré-produção e nome do álbum <i>progressivo</i> .....	59
6.4.2 Exterior da capa de <i>progressivo</i> .....	60
6.4.3 Interior da capa de <i>progressivo</i> .....	61
6.4.4 Outros itens do projeto <i>progressivo</i> .....	62
6.5 EFEMÉRIDA NO <i>STREAMING</i> .....	66
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	69
APÊNDICE A - Informações técnicas sobre a efemérida no álbum <i>progressivo</i> .....	71

## INTRODUÇÃO

Em 1970, a banda britânica Black Sabbath lançou seu álbum homônimo de estréia. Diferente de qualquer coisa já feita até então, o disco tinha um tom tão sombrio e tamanha intensidade para a época que, apesar da crítica o receber de forma negativa a princípio (MCIVER, 2009, p. 119), o mesmo se tornou o ponto de partida para todo um novo gênero musical: o *heavy metal*, ou simplesmente “metal”. Pouco mais de cinquenta anos se passaram desde então e o metal evoluiu em diversos aspectos, provocando o surgimento de inúmeros subgêneros através das diferentes combinações de características. Além disso, cada um desses subgêneros desenvolveu sua própria cultura, seus próprios códigos, suas próprias linguagens. De qualquer forma, é comum a ocorrência de intercâmbios entre esses gêneros e, portanto, hibridizações tanto do conteúdo musical quanto da cultura que o rodeia.

Apesar de suas inúmeras ramificações, um aspecto do metal que se manteve constante ao longo de toda sua existência foi o fato de o gênero ter se mantido majoritariamente em um cenário alternativo ao *mainstream*. E, para além de alternativo, o estilo musical adquiriu gradativamente mais e mais um aspecto de contracultura por conta de sua natureza recorrentemente abrasiva. Hoje em dia é, portanto, consolidado um gênero de nicho.

No entanto, desde seu surgimento, o hábito do consumo de música se transformou muito para a grande maioria das pessoas. Os discos de vinil da década de 1960 e 70 eventualmente perderam lugar para as fitas magnéticas e CDs, que por sua vez foram substituídos pelos aparelhos MP3, que tornaram-se defasados graças ao *streaming* dos dias atuais. Nesse processo, a mídia física perdeu apelo e o digital adquiriu um alcance nunca antes visto na história. A praticidade tornou-se o mais crucial aspecto para a forma como a música é consumida, dado o contexto atual da vida cotidiana cada vez mais corrida.

Surpreendentemente, em meio a todo esse contexto, o vinil vêm crescendo novamente em popularidade na última década. Em um movimento voluntariamente contrário ao *streaming* e buscando retomar uma relação mais pessoal com a música que se escuta, muitos ouvintes têm escolhido a mídia *vintage* como sua forma preferida de ouvir seus artistas prediletos. E um dos fatores que contribuem para esse ressurgimento é justamente sua capacidade de seduzir pelo visual, capas chamativas, embalagens criativas, aspectos da experiência analógica que o meio digital é incapaz de fornecer. E nesse quesito, o metal tem lugar de destaque.

Assim, faz-se válido para o desenvolvimento deste projeto um passeio por entre alguns dos subgêneros de metal de maior reconhecimento, no intuito de investigar a música e as suas formas de manifestação visual dado o contexto atual do ressurgimento do disco de

vinil. Dessa forma, feita essa exploração musical e gráfica, este projeto visa elaborar uma banda fictícia de metal e estabelecer sua progressão musical através de diferentes subgêneros, mas sempre trazendo a música e cultura brasileiras para seu som e imagem. Definido o conceito da banda, o objeto de criação final são, portanto, quatro capas de álbuns, refletindo as particularidades de seus subgêneros enquanto contam a evolução deste grupo musical.

## **1 O METAL ENQUANTO GÊNERO MUSICAL**

Tendo no metal um assunto central deste trabalho, é importante esclarecer algumas questões relacionadas a esse gênero musical antes de entrar em saladas de nomes estrangeiros, dissecações e motivos de cada decisão tomada durante o trajeto deste projeto.

### **1.1 A IMPRECISÃO TAXONÔMICA DOS SUBGÊNEROS DE METAL**

Apesar do seu surgimento como fenômeno cultural ter acontecido no início da década de 1970, o metal só passou a ser estudado de forma acadêmica de poucos anos para cá (FRICONNET, 2022, p. 185). E, dos assuntos que envolvem o gênero, um dos que mais geram debate na comunidade é o pertinente à origem e nomenclatura de suas inúmeras vertentes, os chamados “subgêneros” ou “estilos”, e isso incide no campo acadêmico. O “mapeamento” das relações internas do gênero é um desafio cuja solução já foi tentada por múltiplos autores, a partir de diversos métodos e gerou resultados com diferentes graus de semelhança.

Essa “taxonomia” do metal é, portanto, imprecisa e carece de um cânone universal. Ainda assim, é possível determinar uma série de elementos que se fazem comuns às diferentes visões do assunto. Friconet (2022, p. 198) aponta que seu o agrupamento em conjuntos de subgêneros se assemelha em diversos aspectos ao feito por Eric Lestrade em seu artigo “History of Metal” (2001), apesar de particularidades intrínsecas a cada um. Esse é um exemplo de resultados que convergem apesar de seus métodos díspares, algo que ocorre em múltiplos pontos da discussão.

### **1.2 O ASPECTO DISFORME DO GÊNERO**

Um fator crucial para a supracitada dificuldade em estabelecer uma taxonomia “oficial” do gênero é o aspecto mutante do mesmo. O metal passou e continua a passar por constantes transformações desde seu surgimento, produzindo novos “sub-subgêneros” por meio de hibridizações entre subgêneros já estabelecidos, por vezes, inclusive, integrando influências externas ao metal como um todo. Por conta dessa recorrente “troca” que ocorre

dentro do estilo, é comum a existência de bandas e álbuns que são classificados pela comunidade a partir de nomenclaturas que buscam explicitar esse cruzamento de identidades sonoras. Por exemplo, a etiqueta *death-doom* descreve de forma bem direta um som que nasce da mesclagem entre o *death metal* e o *doom metal*. Já o chamado *war metal* é uma variação muito específica de *black metal*, mas cujo nome não explicita ao leigo do que se trata o estilo exatamente.

De um ponto de vista externo, esse tipo de nomenclatura pode parecer preciosismo, afinal, é tudo música pesada. No entanto, esses usos se fazem importantes como forma de nortear e descrever estilos específicos dentro de um cenário onde as barreiras entre os subgêneros tornam-se cada vez mais difusas. Isso se torna cada vez mais acentuado conforme novas bandas surgem buscando novos sons por meio da mistura do que veio antes, em busca de autenticidade dentro de um gênero que diversas vezes já foi dado como “esgotado” de ideias.

### 1.3 O METAL EM CONFLUÊNCIA COM A CULTURA BRASILEIRA

Ao se espalhar pelo mundo, o metal entrou em contato com diversas culturas e, em muitos casos, se apropriou de elementos tradicionais das mesmas em diferentes graus. No Brasil, há diversas bandas que podem exemplificar esse fenômeno, mas os dois maiores expoentes são, provavelmente, o Sepultura e o Angra.

O Sepultura, formado na década de 1980 em Belo Horizonte, MG, foi uma banda essencial no que tange a evolução do gênero. Um dos precursores dos estilos que eventualmente vieram a ser chamados de *death metal* e *thrash metal*, a banda subverteu expectativas com seu álbum *Roots*, de 1996. A infusão de ritmos afro e indígenas no som buscando menos velocidade e mais “groove” foi um marco para a banda, que passou a se destacar ainda mais no cenário internacional com um som completamente único na época. Desde então o grupo fez desses ritmos brasileiros parte intrínseca de sua identidade musical.

O Angra, por sua vez, nasceu da ideia de seu guitarrista e principal compositor, Rafael Bittencourt, que tinha a intenção de mesclar ritmos brasileiros como o baião e o maracatu à música erudita e ao *power metal* europeu, ou “metal melódico” como era conhecido o estilo no Brasil na década de 1990. Em 1996, *Holy Land*, o segundo álbum da banda, trouxe o conceito de uma história fictícia seguindo a vinda dos portugueses ao Brasil no século XV, trazendo à tona todos os elementos idealizados por Bittencourt. A faixa título do álbum, por exemplo, tem a melodia de “Berimbau”, canção de Vinícius de Moraes, como cerne de sua composição.

Apesar do Sepultura e o Angra serem os dois nomes mais fortes em um âmbito internacional a fazerem esse tipo de mistura entre metal e música brasileira, exemplos de bandas que exploram fusões semelhantes não faltam, inclusive perpassando os diferentes subgêneros. O Imago Mortis traz fortes influências de MPB para seu *doom metal* em seu álbum *Vida: The Play of Change*, de 2002 (AZEVEDO, 2005, p. 13). Já o Cangaço, banda de Recife, PE, injeta seu *death metal* com elementos do baião e do sertanejo raiz. O Gangrena Gasosa, por outro lado, traz diversos ritmos provenientes do nordeste para seu *crossover thrash*<sup>1</sup> e ainda aborda religiões de tradição afro-brasileira como tema de muitas de suas letras. Ou o Black Pantera, trio de Uberaba, MG, que também faz um *crossover thrash*, porém regado de influências musicais e líricas da cultura negra, além de uma postura altamente crítica antirracista.

Isso tudo é de suma importância para este projeto, pois o recorte escolhido para se trabalhar nele é justamente o do encontro entre metal e música brasileira. A incidência de estilos e ritmos nacionais no metal são a fonte principal de inspiração neste estudo. Há ainda muitas variáveis na forma que isso foi trazido para a prática do projeto, mas elas serão melhor explicadas mais à frente.

#### 1.4 AS MANIFESTAÇÕES VISUAIS DERIVADAS DO METAL

Para além da expressão sonora do gênero metal, são muitos os códigos visuais que compõem a identidade e cultura do estilo. Dos cabelos longos às vestimentas predominantemente pretas, passando pelas *battle vests* dos fãs mais *old school* e o *corpse paint* criado pelas bandas norueguesas de *black metal* da década de 1990... O universo do metal está repleto de códigos e padrões visuais que o distinguem de outros gêneros musicais e distinguem os seus subgêneros entre si. Mas esses códigos vão para além da aparência daqueles que participam do gênero como artistas ou ouvintes, se manifestando fortemente também nos logotipos das bandas, capas dos álbuns, *design de merchandising*, identidade visual de festivais voltados para o estilo, e qualquer outro tipo de expressão visual atrelada ao gênero. O artigo de Lībeks e Turnbull (2011, p. 4) evidencia isso, mostrando através de uma pesquisa que, entre diversos outros gêneros musicais, o metal é o que possui um visual mais reconhecível, mais específico.

---

<sup>1</sup> Sub-estilo de *thrash metal* que mistura o mesmo com *hardcore punk*, gênero externo ao metal, derivado do *punk rock*.



**Figura 1: Battle vest, jaqueta na qual o dono coleciona patches de bandas.**

Fonte: Pinterest. Disponível em:  
<<https://br.pinterest.com/pin/336221928422769650/>>.  
Acesso em: 29 de abril de 2024.



**Figura 2: Corpse paint.**

Fonte: Pinterest. Disponível em:  
<<https://br.pinterest.com/pin/68398488067239795/>>.  
Acesso em: 29 de abril de 2024.

Os logotipos e capas de álbuns são de extrema importância para este projeto, visto que contemplam exatamente o objetivo final dele. No que tange os logotipos no gênero, há uma série de particularidades, e algumas podem ser até paradoxais de um ponto de vista de *design*. Essencialmente, um logotipo ou marca tem a função de identificar algo no intuito de diferenciá-lo da concorrência. Porém, no *heavy metal*, principalmente nos subgêneros mais extremos, há uma transgressão dessa função, visto que o apelo vai além da mera identificação.

Normalmente, o logotipo de uma banda, que apresenta o seu nome de forma legível, é um elemento usado para o reconhecimento da banda. No entanto, nesses casos, o logo de metal cruza o limite da legibilidade tornando o nome da banda irreconhecível para alguém que não a conheça previamente. (ALEXANDRE, 2017, p. 43, tradução do autor)

Marco Alexandre (2017) destaca a relação forma-conteúdo nos logotipos de metal, que recorrentemente mescla os dois de modo a expressar visualmente as características

sonoras de cada subgênero ou banda. Por conta disso, logotipos mais “confusos” e menos legíveis se tornam mais comuns na medida que se adentra os subgêneros mais extremos.

No caso específico dos logotipos de *heavy metal*, ainda dentro de subgêneros mais extremos, a forma às vezes se torna o conteúdo, aproximando-os, pelo menos em alguns casos, a representações pictóricas. Sendo eles um dos principais representantes da imagem de uma banda e assumindo o papel de representar essa banda, eles devem de fato representar visualmente o estilo musical, temas e ideais dessa banda. (ALEXANDRE, 2017, p. 49, tradução do autor)

Esse aspecto mostra que a falta de legibilidade existente em tantos logotipos, principalmente nos subgêneros mais extremos do metal, é um reflexo direto da tradução da personalidade e do som das bandas para o meio visual. A jornalista Liz Stinson (2015) corrobora ao dizer que “As identidades de bandas de metal - bandas de *black* e *death metal*, em particular - tendem a apresentar imagens grotescas e tipografia que se retorçe como galhos, escorre como sangue, e se pendura como teias de aranha.”



**Figura 3: Alguns logotipos de *black* e *death metal*. Da esq. para a dir., de cima para baixo: Autopsy, Blood Incantation, Bloodbath, Darkthrone, Cradle of Filth e Watain.**

Fonte: o autor.

E a verdade é que, mesmo quando a legibilidade é mantida, os logotipos no gênero tendem a expressar de alguma forma o tipo de som que representam. “Mesmo que você nunca tenha escutado uma música do Slayer, (...) você poderia adivinhar o tipo de música que eles tocam simplesmente olhando para seu logotipo.” (STINSON, 2015)



**Figura 4: Logotipo da banda Slayer.**

Fonte: Font Meme. Disponível em: <<https://fontmeme.com/slayer-font/>>. Acesso em: 26 de abril de 2024.

A pesquisa de mestrado de Marco Alexandre (2017) se fez uma fonte indispensável para este projeto e será amplamente abordada no tópico 4, visto que contempla inclusive as tendências diferenciais entre subgêneros.

Para além dos logotipos, as capas dos álbuns são também um chamariz dentro do metal. Seja pelas imagens por vezes explicitamente gráficas, principalmente em subgêneros mais extremos, ou simplesmente pelas composições altamente elaboradas, o gênero sempre fez uso das capas na intenção de criar disrupções e, assim, chamar atenção (ou, às vezes, puramente chocar, é verdade).

A clássica capa de *The Number of the Beast*, lançado em 1982 pela icônica banda britânica Iron Maiden, retrata o mascote da banda, Eddie, no fundo enquanto controla o diabo por fios como uma marionete enquanto o diabo controla um segundo pequenino Eddie da mesma forma. Segundo Derek Riggs, artista que pintou a capa, a ideia era levantar a questão sobre quem é o verdadeiro mal, quem está manipulando quem (WALL, 2004, p. 135). No entanto, à sua época, a capa gerou muito mais controvérsia pelo simples fato de apresentar o diabo de forma tão escancarada.



**Figura 5: Capa do álbum *The Number of the Beast*, do Iron Maiden.**

Fonte: Spotify. Disponível em: <<https://i.scdn.co/image/ab67616d0000b2730910e39b1092e8ec44626aa3>>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

As tendências relativas às paletas de cores nas capas do gênero são um ponto curioso da pesquisa deste projeto. Friconnet (2023) avalia a fundo esse aspecto, analisando 1150 capas de álbuns de metal, e mais 400 de outros gêneros para comparação, na intenção de estudar o papel das cores na identidade visual das capas do estilo. Seu método inclui extrair as cinco cores dominantes de cada obra por meio de um algoritmo que gera agrupamentos *k-means*, e então formular histogramas para melhor análise das cores obtidas. Seus resultados mostraram que álbuns de metal tendem a apresentar capas mais escuras do que álbuns de outros gêneros. No entanto, ao tentar estabelecer as cores mais comuns para cada subgênero, os resultados de Friconnet não fornecem informações tão úteis para este projeto, o que virá a ser melhor abordado no tópico 5.

## **2 O RESSURGIMENTO DO VINIL**

O disco de vinil enquanto mídia e meio de se ouvir música surgiu por volta da metade do século XX e, desde então, sua popularidade passou por uma ascensão, um pico nos anos 1970 e 80, e um declínio nos anos 1990 com o surgimento dos CDs. Contudo, na última década, o vinil reconquistou parte de sua antiga popularidade com uma parcela considerável do público. Segundo Guo (2023, p. 3), o vinil vem tendo um crescimento estável desde meados de 2006, especialmente a partir de 2018. Em 2020, por exemplo, pela primeira vez em aproximadamente 35 anos, discos de vinil venderam mais do que CDs nos Estados

Unidos, de acordo com dados da RIAA<sup>2</sup>. E, de acordo com a IFPI<sup>3</sup>, essa tendência pode ser observada nos mercados de todo o mundo.

Analisando o recente crescimento do mercado de vinil, Guo (2023, p. 3) estabelece dois públicos principais que vêm sendo responsáveis por essa nova força da mídia. O primeiro é um público a partir de 55 anos, que cresceu durante o auge do vinil, cuja afinidade com a mídia se dá por meio de nostalgia e um possível hábito de consumo de discos de vinil que se mantém desde então. O segundo grupo, é um demográfico em torno de 25 a 34 anos, que engaja nesse mercado como uma extensão do consumo de música em formato digital, em busca de ter uma relação mais íntima com a música que se ouve. É importante salientar que, ainda segundo Guo, esse segundo grupo geralmente é composto por fãs de música pop, em especial de artistas de grande expressão. Esse segundo grupo acaba por ser o diferencial que vem influenciando o crescimento substancial do mercado.

## 2.1 O SENTIMENTO ATRELADO À MÍDIA

Um ponto chave que ajuda a explicar essa nova comoção gerada pelo vinil são os aspectos ritualísticos e emocionais que se relacionam com a experiência de ouvir música através dessa mídia. A democratização do acesso à música advinda do *streaming* tem como subproduto a fragmentação da mesma, gerando um cenário onde ouve-se muito mas *escuta-se* pouco. Álbuns não têm mais o mesmo apelo para o público geral, enquanto *playlists* são a moda e apresentam colchas de retalhos musicais, permitindo uma apreensão apenas superficial de cada um dos artistas ali contemplados. E para além do não aprofundamento no trabalho de cada artista, o próprio hábito de consumo da música se tornou um acompanhamento às outras atividades rotineiras da vida, raramente (para não dizer “nunca”) a atividade “primária” realizada.

Guo destaca que esse processo de “impessoalização” sofrido pela música levou ao surgimento dessa nova geração de consumidores de vinil, que busca nessa mídia antiga um pouco mais da relação arte-consumidor de outrora.

A geração jovem de hoje cresce nesse ambiente. Como resultado, eles têm alguns sentimentos de vazio interior e perda, e então começam a buscar essa sensação de ganho e experiência de vida em mídias nascidas no passado, com algumas características culturais e memórias do passado. Os discos de vinil captaram muito bem essa

---

<sup>2</sup> Sigla para “Recording Industry Association of America”, associação americana que realiza registros sobre o mercado musical nos Estados Unidos desde os anos 1950.

<sup>3</sup> Sigla para “International Federation of the Phonographic Industry”, órgão internacional fundado em 1933 que representa os interesses da indústria fonográfica.

necessidade: para tocar discos de vinil, as pessoas precisam preparar um toca-discos, selecionar os discos, escolher um horário e local para curtir a música e, mesmo com um grande acervo de discos de vinil, cada pessoa só pode tocar um disco por vez. Trata-se de um regresso à “escuta”, um processo em que as pessoas gastam tanta energia que a música deixa de estar “na ponta dos dedos”, conferindo-lhes assim uma sensação de ritual e uma sensação de concentração, imersão e tangibilidade.

O vazio do consumo de dados cada vez mais superficial deu origem ao regresso da geração mais jovem à busca de “possuir música”. (GUO, 2023, p. 3-4, tradução do autor)

Desta forma, é possível ver que não é apenas um único fator que ajuda a fomentar esse novo crescimento da indústria do vinil, mas todo um contexto decorrente das próprias mídias que o fizeram obsoleto em primeiro lugar. Primeiramente, com os CDs, em seguida com os aparelhos MP3s e hoje em dia com o *streaming*, a praticidade sempre foi um dos principais objetivos. E em um movimento contrário a isso, há quem busque no vinil uma experiência mais autêntica e pessoal, trazendo o velho debate de “qualidade x quantidade” para o contexto do consumo de música.

Há ainda um esforço dos fãs mais devotos em contribuir monetariamente para com o artista, para além do que assinaturas de plataformas de *streaming* permitem. No processo de adquirir um álbum físico realizam essa vontade, e conseqüentemente sentem que fazem parte mais efetiva daquela expressão artística, como é corroborado por Guo no trecho acima sobre “possuir música”. Esse comportamento ocorre majoritariamente dentro de comunidades de fãs de artistas pop contemporâneos de maior expressão, como mencionado anteriormente. Isso porque artistas de menor expressão não costumam ter os meios financeiros e/ou logísticos para produção e venda de discos de vinil e também porque artistas mais populares, tendo mais fãs, têm uma maior chance de despertar esse tipo de comportamento.

Dentro do metal, no entanto, esse comportamento sempre existiu e perseverou, sendo passado de geração para geração de fãs. Por conta do aspecto contracultural do gênero, o apoio direto às bandas sempre existiu, resultado de uma consciência da comunidade em entender que, pela falta de apoio dos veículos de mídia de grande massa, para sobrevivência da cena, seria necessário o engajamento dos fãs.

Para demonstrar isso, trago o exemplo do The Anchoret, banda canadense que lançou seu álbum de estréia em 2023, pela Willowtip Records, selo independente focado em música pesada. A banda de metal progressivo assinou com a gravadora sem ter lançado qualquer material anteriormente, portanto, sem ter qualquer base de fãs prévia ao lançamento do seu álbum. Ainda assim, *It All Began With Loneliness* foi divulgado pela gravadora como

qualquer outro lançamento do seu catálogo e teve desde o seu início versões em vinil, incluindo variantes que fogem do padrão preto clássico.



**Figura 6:** Variante “Blue with Custard Splatter” do álbum *It All Began With Loneliness*, do The AnchoRET.

Fonte: Bandcamp. Disponível em: <[https://f4.bcbits.com/img/0033543150\\_10.jpg](https://f4.bcbits.com/img/0033543150_10.jpg)>.

Acesso em: 07 de julho de 2024.

O álbum ter sido comercializado desde o início não apenas a nível de divulgação mas oferecendo variantes que fogem ao padrão preto é um atestado da forma como gravadoras do segmento e fãs tratam os artistas da cena, mesmo os debutantes. Demonstra um comprometimento impressionante, visto que no atual cenário *mainstream*, ou seja, o que mais movimenta dinheiro, são apenas os artistas de maior expressão que costumam ter esse tipo de engajamento por meio de mídias físicas. E trazer aqui como exemplo uma variante não-básica é de suma importância, pois nos introduz ao caráter de “coleccionável” que esse mercado adquiriu recentemente.

## 2.2 O VINIL ENQUANTO ITEM DE COLECIONADOR

Um fator crucial e que não pode ser ignorado relacionado ao ressurgimento dos discos de vinil é o caráter de “item de colecionador” que a eles passou a ser atribuído. Além de ser uma mídia física, algo que já estimula o consumidor mais assíduo à coleção, é um tipo de produto que possui um custo mais elevado (certamente é mais caro do que um serviço de *streaming*), o que, bem ou mal, confere ao vinil um aspecto de exclusividade. Além disso, os

avanços tecnológicos nos processos de produção dos discos possibilitaram uma maior variedade de visuais para os mesmos. Desde as variantes coloridas às com padronagens como as chamadas “*splatter*” ou “*marble*”, os próprios discos se tornaram um chamariz a mais para a mídia, além da música neles contida.



**Figura 7: Variantes de discos do álbum *Stone* da banda Baroness (fragmento).**  
 Fonte: Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CuCoDW2LrC1/>>.  
 Acesso em: 07 de julho de 2024.

É importante apontar que essa nova face da indústria vem contribuindo para o crescimento da preocupação com as questões ambientais que envolvem esse mercado, principalmente no que diz respeito ao consumo de plástico. Até porque, a alta oferta de diferentes variantes estimula os fãs mais apaixonados pela mídia a comprarem mais de um exemplar do mesmo álbum na intenção de colecionar mas sem a intenção de usufruir da mídia propriamente. Essa questão não será abordada mais a fundo neste projeto pois o foco aqui é outro, mas é uma questão pertinente de qualquer forma cuja discussão é ampla o bastante para ser o tema central de um trabalho inteiro.

### 2.3 VINIL x *STREAMING*: OS INABALÁVEIS COSTUMES DO METAL

O meio de consumo de música predominante hoje em dia é o *streaming*. E como é de costume em qualquer mercado, o meio prevalecente pelo qual se consome influencia o conteúdo nele consumido. No atual cenário, faixas vêm se tornando cada vez mais curtas e buscam incessantemente “achar” o próximo trecho de 10 a 15 segundos que virá a viralizar dentro de plataformas como o Tik Tok. Mas, para além da música em si, em muitos pontos as artes de capa que acompanham cada álbum ou *single* têm apresentado tendências advindas desse consumo por meio do *streaming*.

Por exemplo, é cada vez maior a incidência de capas que não contam com qualquer informação textual, seja nome do artista ou do álbum/*single*. Além de uma escolha estética, esse tipo de ocorrência cada vez mais comum está relacionado à forma como essas capas são exibidas dentro de plataformas de *streaming*. Primeiro que o tamanho reduzido desestimula imagens elaboradas demais, repletas de pequenos detalhes, visto que esses se tornam

imperceptíveis em dimensões reduzidas. Segundo que nos aplicativos tocadores, a capa é sempre acompanhada pelo nome do álbum e do artista na interface, tornando essas informações dispensáveis na arte em si.



**Figura 8: Algumas capas sem informação textual.**

Fonte: o autor.

Porém, esse tipo de incidente é mais comum no cenário da música *mainstream*, principalmente da música pop, onde há uma maior adesão às tendências da vez. No metal, que é um gênero mais conservador e preso às tradições estabelecidas ao longo das suas pouco mais de cinco décadas de existência, tendências momentâneas têm seu grau de influência mas raramente se sobrepõem ao convencional. É claro que há bandas que usam capas sem informação textual, por exemplo, mas elas são uma minoria. A verdade é que, num geral, o metal vai tradicionalmente em direção contrária ao que é estimulado pelo *streaming*, ou seja, faz uso recorrente de imagens elaboradas, cenas complexas ou cenários amplos, repletos de detalhes diminutos.

Isso é um reflexo justamente do fato do vinil ter sido a mídia prevalectente na época do surgimento do gênero, na década de 1970. Em lojas de discos, em meio a catálogos enormes e sem o advento da internet para se ter uma experiência prévia da música, as capas eram o fator principal a chamar atenção de possíveis novos compradores e fãs. Isso foi altamente explorado ao longo do tempo dentro do gênero, como já mencionado no tópico 1, dos logotipos às capas dos álbuns entre tantas outras das suas formas de manifestação visual.

Com tudo isso em mente, faz-se válida a escolha por desenvolver este trabalho, essa banda fictícia e seus álbuns, tendo em mente sua tradução em discos de vinil, preterindo outras mídias. Fica claro, que o metal tem no vinil um meio de consumo “otimizado”, que valoriza aspectos tidos pelo gênero como primordiais, como a arte da capa, e é um meio de subsistência crucial para a cena.

### 3 UMA FANTASIA MUSICAL

Tendo como objetivo final deste trabalho a elaboração da identidade visual de uma banda fictícia e do projeto gráfico de quatro álbuns seus, a pesquisa passou por três principais fases: 1. a seleção de um repertório musical para “ilustrar” essa banda e servir de inspiração; 2. a elaboração de um logotipo, com variações referentes aos subgêneros contemplados pela discografia dessa banda; 3. a elaboração dos projetos gráficos dos quatro álbuns, incluindo capa, contra capa e componentes internos. É importante esclarecer que a numeração designada neste parágrafo tem propósito apenas explicativo e não tem relação com a ordem em que as etapas aconteceram. A verdade é que a etapa 1 foi a primeira, de fato, mas 2 e a 3 aconteceram de forma simultânea.

#### 3.1 ESTABELECENDO UMA PROGRESSÃO COERENTE

Partindo do pressuposto de que essa banda fictícia tem uma trajetória de álbum para álbum que perpassa diferentes subgêneros do metal, minha primeira preocupação foi pensar uma linha do tempo que fosse coerente dentro do gênero. Além de buscar subgêneros mais universalmente reconhecidos dentro da cena, houve uma preocupação para que os mesmos tivessem pontos em comum, conversassem entre si, para que as transições de álbum para álbum fizessem sentido do ponto de vista de uma progressão musical real.

No que tange ao reconhecimento dos subgêneros por parte da cena, Friconet (2022) faz um levantamento dos subgêneros incluídos por nove diferentes autores em seus respectivos mapeamentos do gênero. De uma lista final de 27 subgêneros, *death*, *industrial*, *power* e *progressive metal* foram citados por todas as nove fontes, enquanto *doom*, *gothic*, *grindcore* e *thrash metal* foram citados por oito.

No entanto, com apenas quatro álbuns para elaborar, eu filtrei esses estilos no intuito de reduzir a quantidade e encontrar a desejada progressão. Essa filtragem foi feita ainda com base na pesquisa de Friconet (2022), onde ele faz uso de matrizes de distância, ferramenta muito utilizada no campo da biologia para estabelecer proximidade entre espécies, e traduz a proximidade entre os subgêneros em coeficientes numa escala 0 a 1, onde 0 é o mais próximo e 1 o mais distante possível.

A tabela 1 é uma adaptação da tabela de Friconet, que originalmente contém 27 subgêneros. Aqui busco evidenciar as relações que foram importantes para a progressão estabelecida para a banda fictícia, incluindo apenas os subgêneros considerados pertinentes ao trabalho. A partir destes coeficientes de proximidade, a tabela 2 mostra a progressão definida, passo a passo.

	Death	Doom	Power	Prog	Thrash
Death	-	0,33	0,42	0,38	0,10
Doom	0,33	-	0,47	0,41	0,49
Power	0,42	0,47	-	0,24	0,38
Prog	0,38	0,41	0,24	-	0,45
Thrash	0,10	0,49	0,38	0,45	-

**Tabela 1: Matriz de distância dos subgêneros selecionados.**

Fonte: o autor.

Fase	Transição	Coeficiente	Álbum	Coeficiente
I	-	-	Doom	-
II	Doom > Death	0,33	Death + Thrash	0,10
III	Thrash > Power	0,38	Power	-
IV	Power > Prog	0,24	Prog	-

**Tabela 2: Coeficientes da progressão da banda, passo a passo.**

Fonte: o autor.

É possível notar que a denominada “fase II” da tabela Y contempla *death* e *thrash metal*, já que o coeficiente entre os dois é de 0,10, demonstrando alta proximidade. Além disso, essa combinação dos dois funciona de “ponte” entre o *doom* e o *power metal*, visto que *doom-death* e *thrash-power* possuem bons coeficientes enquanto *doom-thrash* e *death-power*, não.

### 3.2 PLAYLISTS LEVADAS A SÉRIO

Com a progressão musical da banda definida, foi feita uma extensa pesquisa musical de bandas de metal principalmente (porém não exclusivamente) brasileiras que têm o hábito de misturar elementos da música brasileira ou latina em seu som, sejam elas pertencentes ao subgênero que for. Foram dezenas de álbuns ouvidos, dos quais foram “pinçadas” pouco menos de 60 faixas que foram organizadas em uma planilha com informações sobre seus subgêneros dentro do metal e os gêneros externos com as quais as mesmas se entrelaçam.

O mesmo foi feito no sentido contrário, uma busca por faixas de artistas nacionais de samba, choro, MPB, rock, etc, no intuito de encontrar faixas que pudessem ser colocadas lado a lado com as supracitadas e estabelecer um diálogo musical em algum grau. Elas também foram organizadas em um planilha com informações como as mencionadas acima.

Com um repertório considerável em ambas as frentes dessa pesquisa musical, foi feita uma filtragem e foram compostas quatro *playlists*, uma para cada uma das denominadas “fases” da banda, como posto no tópico anterior. Essas *playlists* integram metal e música brasileira, sempre focando no subgênero em questão para cada fase e emulando o andamento de um álbum musical real. Cada uma possui em torno de 55 minutos de duração, com exceção da última, referente à fase de metal progressivo, que passa um pouco de uma hora de duração.

Com o objetivo de tornar mais evidentes as conexões por mim feitas ao compor essas listas, há muitas ocorrências de faixas que servem de introdução às suas sucessoras. É o caso de “Estudo No. 1”, composição de Heitor Villa-Lobos aqui performada pelos irmãos Assad,

que antecede “Guardians of Earth” do Sepultura no fim da lista de *deathrash*. Sendo a primeira uma composição em violão clássico e a segunda tendo uma melodia de violão clássico como sua principal, a ligação se torna evidente e as duas funcionam num contexto de álbum.

Além disso, foi levada em consideração a transição de faixa para faixa ao definir a ordem das mesmas nas listas. Por exemplo, a transição de “Cheio de Dedos” do Guinga para “Never Understand” do Angra na lista de *power metal* soa natural; a primeira termina de forma suave com um dedilhado e a segunda começa com um baião que cresce em volume antes do resto da banda entrar. Todas as transições, sem exceção, buscam trazer naturalidade, na intenção de soar como um álbum musical real em vez de um compilado de faixas de diferentes artistas.

Outro fator relevante relacionado às transições é a forma como as faixas iniciais e finais de alguns dos álbuns servem de conexão entre eles e tentam trazer de alguma forma uma prévia do álbum que vem pela frente ou uma recapitulação do álbum que veio anteriormente. Dessa forma, criam-se transições álbum-álbum, além das transições faixa-faixa. Esse aspecto tenta emular uma banda real que dá indícios de suas direções futuras ao trazer elementos novos para o seu som. Esse aspecto será novamente abordado nos tópicos sobre a elaboração do projeto gráfico de cada álbum individualmente.

É importante, no entanto, deixar claro que há casos de faixas que, além de não serem de bandas nacionais, não possuem influências declaradas de música brasileira/latina. De qualquer forma, foram escolhidas por soarem como tal, independente de qualquer influência alegada. São os casos de “Unafraid” do The Anchoret, banda canadense, com um solo de flauta transversa sobreposto a uma melodia “gingada” de baixo, e “Haven” do Der Weg einer Freiheit, banda alemã, com sua sonoridade etérea que muito se assemelha ao estilo que Milton Nascimento imprime em muitas de suas canções.

Por fim, as *playlists* construídas serviram de inspiração para o desenvolvimento de todo o resto do trabalho e, é claro, como o material musical dessa banda fictícia para a qual foram criados esses projetos visuais de vinis. De forma imprevista, vários aspectos dos projetos individuais de cada álbum foram norteados pela coletânea musical selecionada para representar cada fase da banda, o que será aprofundado em tópicos mais a frente.

## 4 A IDENTIDADE DA BANDA

Já definidos os universos sonoros de cada fase mas antes que fosse iniciada a elaboração dos projetos gráficos de cada vinil, foi feito um mergulho na identidade conceitual e visual dessa banda fictícia.

### 4.1 NOME DA BANDA

Ao longo da montagem do repertório musical dessa banda fictícia, um dos aspectos que se tornou central foi a metamorfose que ocorre ao longo da progressão de álbum para álbum. Sendo assim, o primeiro impulso foi buscar palavras que trouxessem consigo significados relacionados a isso de alguma forma. Eventualmente, borboletas se tornaram uma temática recorrente às elucubrações e *brainstorms*, até que um outro inseto, parecido com a borboleta em alguns aspectos, tornou-se o foco.

As efemerópteras são uma ordem de insetos aquáticos, conhecidos popularmente como efeméridas. Seu nome deriva do grego *ephemeros*, que significa “duração de um dia”, referindo-se à vida efêmera dos espécimes adultos. De forma semelhante às borboletas, múltiplos estágios constituem o seu ciclo de vida e, portanto, o nome Efemérida foi o escolhido para cunhar a banda. Ambos os conceitos trazidos pelo nome, tanto da efemeridade na sua etimologia quanto as metamorfoses do seu ciclo de vida conversam com a ideia de uma banda com fases distintas, que passa por transformações, transicionando entre estágios fugazes de existência.



**Figura 9: Imago (adulto) do gênero *Hexagenia*, família *Ephemeridae*.**

Fonte: Wikipedia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ephemeroptera>>. Acesso em 30/01/2024.

É interessante também a ideia, a princípio, paradoxal de trazer uma criatura como a efemérida para representar uma banda de um gênero musical tão pesado. O contraste entre a leveza do inseto e a densidade do estilo se faz útil como forma de demonstrar que o metal vai muito além do peso e da agressividade. Que pode ser melódico, dinâmico, diverso, emocionante e, até mesmo, belo.

#### 4.2 ELABORAÇÃO DO(S) LOGOTIPO(S)

A elaboração do logotipo da banda foi um desafio. Com o intuito de manter a coerência ao longo das suas transformações, foi decidido que o logotipo teria, na verdade, quatro versões: uma para cada momento da banda, mas todas partindo de um “esqueleto” em comum, de forma que não pareçam quatro logotipos desassociados e, sim, variações de uma mesma coisa.

Há casos reais que dão suporte a essa abordagem escolhida. Ao transitarem entre diferentes subgêneros do metal, certas bandas fizeram *rebrandings* de seus logotipos no intuito de melhor representar o seu novo som. No entanto, essa ideia de ter um esqueleto comum aos diferentes logotipos é algo mais próprio deste projeto, visto que seu planejamento ocorre com uma visão holística da trajetória desta banda fictícia. O mesmo não pode ser dito de bandas reais, já que essas obviamente não têm a capacidade de olhar para o futuro e tomar decisões estéticas prevendo futuras adaptações. Como exemplos, a figura 10 apresenta os logotipos do Metallica, que saiu do *thrash metal* nos anos 1980 para o *hard rock* nos anos 1990, e do Enslaved, que deixou de ser apenas uma banda de *black metal* ao incorporar diversos elementos do metal progressivo ao longo dos anos 2000. A transformação do som de cada uma das duas é refletida na transformação dos respectivos logotipos.



Figura 10: Diferentes versões dos logotipos do Metallica e do Enslaved.

Fonte: o autor.

A tese de mestrado de Marco Alexandre (2017) foi de suma importância para essa parte da pesquisa, auxiliando nas direções tomadas com cada variação do logotipo. Em seu

estudo sobre logotipos no metal, ele torna evidente como famílias tipográficas em estilo gótico são recorrentes no gênero (vide o segundo logotipo do Enslaved mostrado acima). Seu aprofundamento em cada um dos subgêneros nos mostra ainda em quais deles essa frequência é maior, sendo o *doom metal*, dos subgêneros aqui contemplados, aquele que mais faz uso desse estilo tipográfico, ocasionalmente sem qualquer tipo de customização, a fonte sendo utilizada de forma pura.

Munido das informações reunidas por Alexandre, foi estabelecido, portanto, que o esqueleto comum aos quatro logotipos seria baseado em uma família tipográfica gótica. Assim sendo, a fonte escolhida foi a *Darksoul*, fonte do estilo mas que não possui muitos “floreios” estéticos como ocorre em outras famílias tipográficas semelhantes. A falta desses “floreios” extras e o visual relativamente mais limpo foram um aspecto crucial na sua escolha, já que eles abrem a devida margem para as customizações pertinentes a cada subgênero contemplado na trajetória do Efemérida.



Figura 11: A tipografia *Darksoul*.

Fonte: o autor.

É importante assinalar que houve uma busca ativa para que as quatro variantes do logotipo tivessem algum grau de simetria. Ainda que não seja uma característica mandatória, como apontado por Alexandre (2017, p. 96), está presente no gênero como um todo, principalmente no *death* e no *power metal*.

#### 4.2.1 Logotipo da fase *doom*

Apesar de Alexandre destacar a frequência razoável de logotipos no *doom metal* que fazem uso de famílias tipográficas góticas sem nenhuma customização, neste projeto foi feita a escolha consciente de se evitar isso. Duas questões motivaram essa escolha: (1) evitar que a logo fosse genérica e (2) esse sendo um projeto de design, a noção de escolher uma família tipográfica e não realizar nenhum tipo de modificação parece um tanto absurda e um desperdício de potencial.



Figura 12: Exemplos de logotipos de bandas de *doom metal* que fazem pouca ou nenhuma personalização a partir de tipografias góticas.

Fonte: o autor.

Para o primeiro logotipo da banda, portanto, da fase *doom*, à *Darksoul* foram feitas algumas modificações, ainda que não muitas para não se distanciar muito das tendências do estilo. O corpo de cada letra foi levemente alterado e foram adicionados elementos pontiagudos na intenção de trazer o aspecto de periculosidade que o gênero frequentemente busca transmitir.



Figura 13: Logotipo final da fase *doom metal*.

Fonte: o autor.

#### 4.2.2 Logotipo da fase *power*

Apesar de ser apenas a terceira fase da banda, a variação *power metal* do logotipo foi a segunda a ser confeccionada. Para tal foram objetivados três aspectos: (1) uma abordagem mais geométrica, mais apoiada em ângulos no lugar das curvas do logotipo anterior; (2) o uso de uma base curva para o texto; e (3) o uso de algum elemento que funcione como uma sublinha do logotipo.

É importante destacar que dos três pontos supracitados, o primeiro é influenciado pela tese de Alexandre (2017) mas os outros dois foram decididos de forma empírica, visto que durante minha própria pesquisa sobre os logotipos do subgênero, eu notei altas taxas de ocorrência dessas características.



Figura 14: Alguns logotipos de bandas de *power metal*. Cada coluna busca exemplificar um dos três requisitos supracitados, mas há alguns logos que cumprem mais de um requisito.

Fonte: o autor.

Isto posto, foi feita uma desconstrução, uma “engenharia reversa” em cima do primeiro logotipo na intenção de encontrar as formas básicas constituintes de cada letra. A partir disso foram feitas adaptações, a adição da sublinha e, por fim, adicionada uma curvatura à base do logotipo.

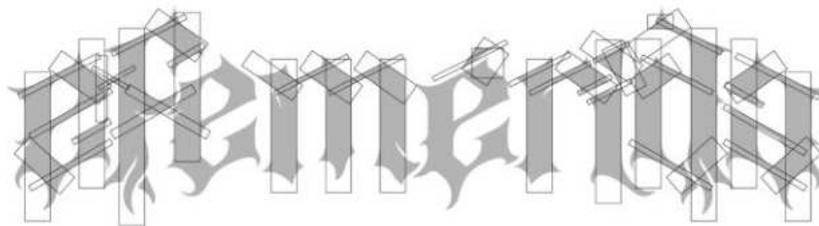


Figura 15: Desconstrução do primeiro logotipo a partir de formas básicas.

Fonte: o autor.



Figura 16: Logotipo final da fase *power metal*.

Fonte: o autor.

#### 4.2.3 Logotipo da fase *deathrash*

Para o terceiro logotipo inicialmente foi necessário decidir qual dos dois subgêneros em questão, *death* ou *thrash*, serviria de referência na elaboração, visto que nesse quesito eles possuem tendências bastante distintas. Porém, como explica Alexandre (2017), os logotipos

dentro do *thrash metal* costumam seguir muitas características gerais que se assemelham às encontradas no *power metal*. Dessa forma, já havendo o logotipo de *power metal* contemplando essas características, optou-se por fazer o terceiro com inspiração nas tendências do *death metal*, objetivando criar logotipos diferentes e contemplar as diferenças que cada subgênero traz.

As letras “geometrizadas” do logotipo de *power metal* foram então usadas como base, preferidas por serem mais limpas, sem as extremidades pontiagudas da variante *doom*. O arranjo da palavra foi distorcido em função de criar uma mancha gráfica mais comprimida horizontalmente e com mais amplitude vertical no centro. Após essa distorção, as letras foram redesenhadas com um traçado mais tremido e “sujo” ganhando extremidades acentuadas e foram adicionados elementos nos espaços negativos das letras tornando a composição mais densa e propositalmente confusa, perdendo em parte sua legibilidade.



**Figura 17: Logotipo final da fase *deathrash*.**

Fonte: o autor.

A legibilidade dessa variante da logo em específico, é um aspecto importante da mesma. Frequentemente, o imaginário coletivo conecta o metal a logotipos confusos, densos ao extremo e completamente ilegíveis, resultado da tradução do universo sonoro do metal em expressão visual, como já abordado no tópico 1. Sobre isso, Marco Alexandre traz um ponto de vista contrastante:

Por fim, nossos resultados sobre o tópico de legibilidade mostram que, contrário à crença popular relacionada à imagem do *heavy metal*, praticamente todos os subgêneros parecem apresentar mais logos legíveis do que ilegíveis. Nas nossas tabelas apenas o *death metal* parece fazer um uso quase igual, igual não superior, de logos ilegíveis. Podemos dizer que essa crença popular se desenvolveu pelo fato de logos mais “estranhas” ou visualmente trabalhadas chamarem mais atenção para si, especialmente quando comparadas com exemplares mais simples. (ALEXANDRE, 2017, p. 129, tradução do autor)

Alexandre chega a essa conclusão a partir de uma abordagem estatística, uma conclusão objetiva, sem margem para debate. Portanto, para este projeto, o logotipo da fase *deathrash* foi elaborado buscando legibilidade mas tentando manter um certo nível de densidade para a mancha gráfica, conservando o aspecto agressivo dos logotipos no subgênero em questão. Assim, foi tentado um equilíbrio entre a tendência objetivamente comprovada e a característica prevalente no imaginário coletivo.

#### 4.2.4 Logotipo da fase progressiva

O logotipo da fase progressiva foi o mais complicado de definir um estilo a ser seguido, visto que esse subgênero não é contemplado pela pesquisa de Alexandre (2017). De qualquer forma, uma breve pesquisa por logotipos de metal progressivo no Google, já é o bastante para se perceber que o mesmo carece de tendências mais concretas no que tange os logotipos. Dessa forma, em vez de buscar referências e a partir delas estabelecer um estilo, foi feito o método contrário. Foi decidido que o estilo a ser seguido seria mais orgânico, buscando trazer aspectos que remetem à anatomia de insetos ou plantas e, a partir disso, foi feita uma pesquisa por logotipos de bandas de metal, preferencialmente mas não exclusivamente progressivo, que pudessem servir de inspiração.



Figura 18: Alguns logotipos que serviram de inspiração para a fase progressiva.

Fonte: o autor.

Rejeitando a mancha gráfica mais densa do logotipo de *deathrash* e a geometria da versão de *power metal*, mas usando o logotipo de *doom* como ponto de partida, o corpo das letras foi alterado. Foram feitas sutis modificações quanto à sua forma e a elas foram adicionados novos detalhes e, principalmente, arabescos em algumas das letras.



**Figura 19: Logotipo final da fase progressiva.**

Fonte: o autor.

Rejeitando a mancha gráfica mais densa do logotipo de *deathrash* e a geometria da versão de *power metal*, mas usando o logotipo de *doom* como ponto de partida, o corpo das letras foi alterado. Foram feitas sutis modificações quanto à sua forma e a elas foram adicionados novos detalhes e, principalmente, arabescos em algumas das letras.

## 5 PESQUISA GRÁFICA E PRÉ-PRODUÇÃO GERAL

O processo criativo para desenvolvimento das quatro capas foi constituído de múltiplas etapas, naturalmente. Acontece que algumas dessas etapas ocorreram de forma conjunta, influenciando todos os quatro projetos, enquanto outras foram mais específicas de cada um, de acordo com o seu desenrolar e consequentes necessidades. Portanto, neste tópico serão mencionados aspectos refletidos nas quatro capas, enquanto as especificidades de cada uma serão abordadas mais à frente nos respectivos tópicos sobre suas elaborações.

### 5.1 TEMAS E TÉCNICAS

Dois fatores cruciais para a elaboração de cada capa foram, é claro, o tema a ser retratado visualmente e a abordagem técnica usada. Portanto, foi feito um levantamento dessas características dentro de cada um dos subgêneros de metal contemplados neste trabalho. Para isso, foi utilizado o site Rate Your Music, portal online onde usuários dão notas, escrevem resenhas e debatem álbuns de virtualmente qualquer artista existente. O site foi escolhido como base de dados por ser moderado pela própria comunidade, o que garante que os álbuns inspecionados sejam consensualmente os mais icônicos de seus respectivos subgêneros.

Foram extraídas informações a respeito da técnica e tema de cada capa, assim como o artista que a confeccionou, seja ele pintor, ilustrador, fotógrafo, etc. Esse levantamento foi feito para cada um dos subgêneros abordados, mas em dois recortes temporais: um recorte geral, sem delimitações, e um recorte dos últimos 5 anos na intenção de destacar possíveis

tendências crescentes recentemente. Foram analisados 50 álbuns para o primeiro recorte e 25 para o segundo, em cada subgênero.

Fase	Recort	Banda	Album	Ano	Técnica	Tema visual	Artista da capa	#
Doom	Geral	Electric Wizard	Dopethrone	2000	Ilustração	Fantasia	Tom Bagshaw	1
Doom	Geral	Candlemass	Epicus Doomicus Metallicus	1986	Ilustração	Morte	Candlemass	2
Doom	Geral	Sleep	Dopesmoker	2003	Ilustração	Fantasia	Doug Ebright	3
Doom	Geral	Candlemass	Nightfall	1987	Pintura	Mitologia, morte	Thomas Cole	4
Doom	Geral	Disembowelment	Transcendence Into the Peripl	1993	Abstrata + tipografia	Abstrata	Daniel Lamos	5
Doom	Geral	Celtic Frost	Monotheist	2006	Foto + manipulação	Terror, oculto	Michel Casarramona	6
Doom	Geral	Electric Wizard	Come My Fanatics...	1997	Ilustração + tipografia	-	??	7
Doom	Geral	Pagan Altar	Judgment of the Dead	2004	Ilustração	Sociedade, justiça	??	8
Doom	Geral	Katatonia	Brave Murder Day	1996	Foto + manipulação	Morte	Bildhuset	9
Doom	Geral	Esoteric	The Maniacal Vale	2008	(?) Ilustração	??	Kati Astraair	10
Doom	Geral	Sleep	Sleep's Holy Mountain	1992	Ilustração	Religião	Robert Klem	11
Doom	Geral	Type O Negative	World Coming Down	1999	Foto + manipulação	Paisagem urbana	Vincent Soyez	12
Doom	Geral	My Dying Bride	The Angel and the Dark River	1995	Foto + manipulação	Nudez	Aaron Stainthorpe	13
Doom	Geral	My Dying Bride	The Dreadful Hours	2001	Ilustração	Fantasia, morte	Aaron Stainthorpe	14
Doom	Geral	Reverend Bizarre	III: So Long Suckers	2007	Ilustração	Fantasia, oculto	Jan Toorop	15
Doom	Geral	Warning	Watching From a Distance	2006	Ilustração	Trabalho, opressão	"Taken from an illustratic	16
Doom	Geral	Esoteric	The Pernicious Enigma	1997	Ilustração	Física (?)	Simon Philips	17
Doom	Geral	Esoteric	Metamorphogenesis	1999	Foto + manipulação	Natureza	Chris Peters	18
Doom	Geral	Candlemass	Tales of Creation	1989	Pintura	Mitologia	Gustave Doré, Micke M&E	19
Doom	Geral	Hell	Hell III	2012	Ilustração	Fantasia	Absorb	20

**Tabela 3: Técnicas e temas usados em capas de álbuns de metal (fragmento).**

Fonte: o autor.

Esse levantamento confirmou a minha suspeita de que a grande maioria das capas no gênero são desenvolvidas por meio de pinturas ou ilustrações, algo que se reflete nos cinco subgêneros aqui abordados. Das 305 capas de álbuns analisados, 25 são elaboradas a partir de pinturas e 218 incluem ilustração na sua confecção, o que constitui aproximadamente 80,6% das capas sendo classificados como uma das duas técnicas. O restante são capas fotográficas ou tipográficas.

A respeito do tema gráfico de cada álbum do Efemérida, essa parte da pesquisa não foi de tanto proveito, apesar de permitir uma análise razoável sobre tendências de temáticas visuais dentro de cada subgênero. No entanto, pela natureza “autônoma” deste projeto e consequente falta de um *briefing*, para definição do tema de cada um dos quatro álbuns, foram atribuídos “assuntos” a cada uma de suas faixas com base nas suas letras. Esses “assuntos” serão abordados novamente nos tópicos da elaboração de cada capa, mas foi com eles em mente que foram definidos os temas de cada álbum, buscando sempre algo que contemple o máximo número de faixas possível em cada respectiva *playlist*.

Além disso, nessa fase de “auto-*briefing*” é onde a pesquisa de Friconet (2023) poderia vir a ser de muita utilidade, mas acabou não sendo. Sua análise colorimétrica busca em certo ponto estabelecer uma paleta composta pelas dez cores mais comuns (divididas entre “dominantes” e “principais”) em cada um dos seus subgêneros abordados. No entanto,

apesar de haver diferenças entre cada uma das paletas, essas diferenças são praticamente irrelevantes, salvo algumas poucas exceções.

Death			Doom			Power			Progressive			Thrash		
Dominant	Main		Dominant	Main		Dominant	Main		Dominant	Main		Dominant	Main	
black	20 black	11	grey	20 black	6	dull brown	22 black		dull brown	18 black	9	dull brown	21 black	13
dull brown	19 dull brown	5	dark grey	20 grey	6	washed-out brown	19 gloomy brown		grey	14 dull brown	5	gloomy brown	20 dark grey	5
gloomy brown	16 dark grey	4	gloomy brown	16 dark grey	4	brown	10 washed-out violet		black	13 dull blue	4	black	19 sombre brown	8
grey	16 subdued brown	4	washed-out brown	13 gloomy violet	3	gloomy brown	17 dark grey		murky brown	12 gloomy brown	4	washed-out orange	15 gloomy brown	4
washed-out orange	16 dull orange	3				washed-out orange	15 dull brown		gloomy brown	10 murky brown	4	grey	14 murky brown	3

**Figura 20: As paletas elaboradas por Friconnet para os cinco subgêneros abordados neste projeto (adaptado).**

Fonte: Friconnet (2023, p. 89).

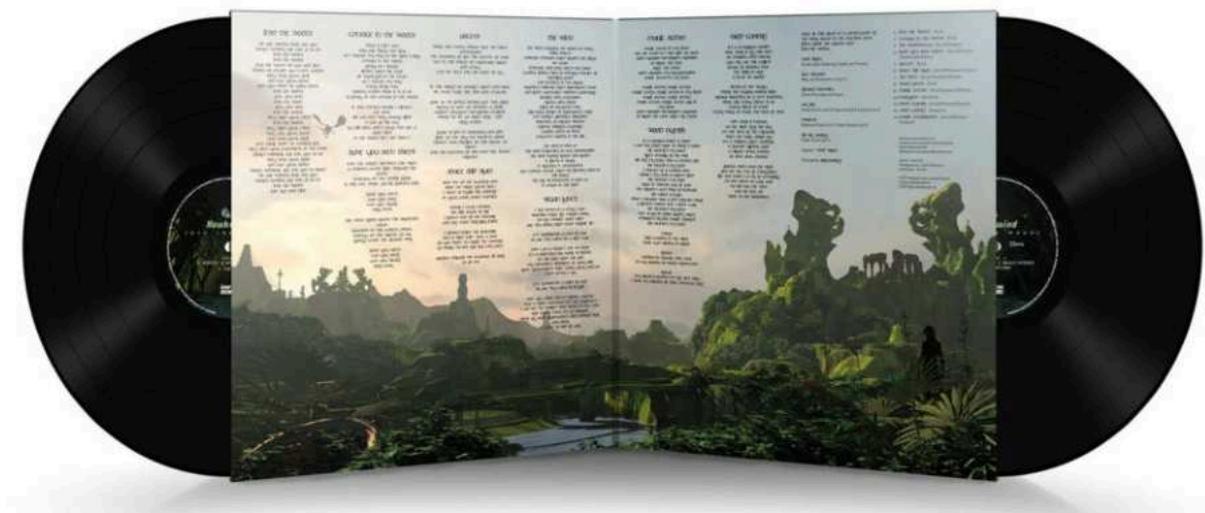
É possível ver que, à exceção do “*washed-out violet*” na paleta de *power metal* e do “*dull blue*” no progressivo, cores como preto, tons de cinza e tons de marrom são predominantes nas paletas de todos os subgêneros. Por causa disso, a análise colorimétrica de Friconnet não foi tão útil nesse aspecto. Sendo assim, as eventuais escolhas de cores feitas para cada uma das capas do Efemérida foram feitas de forma arbitrária, não considerando como regra essa parte da pesquisa de Friconnet. A motivação para isso foi a busca por uma maior variabilidade colorimétrica entre cada uma das quatro capas.

## 5.2 PACKAGING

Como já explorado anteriormente no tópico 2, o vinil adquiriu ao longo da última década um valor de “item de colecionador” e, portanto, busca recorrentemente trazer diferenciais para justificar este *status*. Por conta disso, uma embalagem de disco de vinil pode conter diferentes itens para além da capa e do disco (ou discos, no plural) em si. Encartes, posters, livretos, adesivos, entre diversos outros itens podem ser obtidos dentro de uma embalagem de disco de vinil, dependendo do tamanho e orçamento do artista.

Com isso em mente, foi decidido que cada um dos álbuns do Efemérida terá uma abordagem diferente para o *packaging*, um projeto gráfico que inclua diferentes itens ou os utilize de diferentes formas. Isso se justifica ao dar uma maior diferenciação entre cada um dos projetos e conversar com a trajetória de uma banda que ganha relevância com cada álbum que lança, resultando em projetos mais elaborados (e caros) a cada novo álbum. No entanto, a capa em si, será no formato chamado *gatefold* em todos os quatro álbuns. *Gatefold* é um tipo de capa que abre como um livro e que pode possuir um ou dois bolsos laterais para discos e acessórios. A escolha pelo *gatefold* se deve ao fato das *playlists* compostas para cada uma das fases do Efemérida terem todas durações de aproximadamente uma hora. A transposição das

*playlists* para a mídia física de um disco de vinil só seria possível em dois discos por conta da capacidade da mídia.



**Figura 21: Exemplo de capa no formato *gatefold*.**

Fonte: Train Records. Disponível em:

<<https://www.trainrec.com/products/double-12-vinyl-in-gatefold-jackets>>. Acesso em: 02 de agosto de 2024.

É importante apontar que, para a apresentação final deste projeto, foram construídos protótipos físicos de cada um dos álbuns produzidos, incluindo todos os itens do *packaging* de cada um. Por isso, na intenção de incluir nestes protótipos discos de vinil que não o padrão preto básico, foram contactadas diversas gravadoras mundo afora em busca de discos que pudessem ser doados ou comprados a um baixo custo. A Silver Lining Music de Londres foi a única da qual se obteve um retorno positivo e eles doaram seis variantes coloridas de álbuns do seu catálogo. Porém, foram comprados ainda dez discos coloridos adicionais em uma loja online de artigos de decoração, pois cada álbum desenvolvido demanda dois discos, então buscou-se discos de cores iguais/semelhantes aos doados para formar as duplas. Reitero, portanto, que os discos incluídos nos protótipos finais não contém realmente as faixas selecionadas para este trabalho e têm serventia estética apenas. Ademais, as especificações dos protótipos de cada álbum serão abordadas nos seus respectivos tópicos.

## 6 ELABORAÇÃO DAS CAPAS

Antes de entrar nas especificações de cada um dos projetos de capa desenvolvidos, é relevante esclarecer aqui que todos foram feitos por meios digitais, a partir do uso de *softwares* de manipulação de imagem, pintura digital, ilustração vetorial e diagramação.

É importante apontar que a efemérida, inseto que dá nome à banda, veio a se fazer presente em todas as capas, em diferentes graus de destaque. Assim como ocorre com algumas bandas na cena do metal mundial, aqui a efemérida toma um papel de “mascote”.

Portanto, assim como o Eddie aparece em todas as capas do Iron Maiden com diferentes caracterizações, ou o Vic Rattlehead em algumas capas do Megadeth, a efemérida veio a fazer parte das composições de todas as capas de alguma forma.



Figura 22: Algumas capas do Iron Maiden, sempre tendo o mascote Eddie como personagem central.

Fonte: o autor.

Outro ponto comum nas quatro capas é a gravadora fictícia, Nox Records, uma referência a um projeto pessoal meu de alguns anos atrás. O projeto era uma página na rede social Instagram, onde eram escritas resenhas sobre álbuns e elaborados pôsteres inspirados nas músicas. O projeto atualmente se encontra em hiato, mas seu logotipo serviu de base para o logotipo da gravadora dos álbuns do Efemérida.

### 6.1 VINIL *DOOM METAL*

Primeiro álbum na linha do tempo da narrativa do Efemérida, o álbum de *doom metal* foi também o primeiro a ser produzido. Ainda que as decisões conceituais da pré-produção dos quatro álbuns tenham ocorrido de forma parcialmente simultânea, esta foi a primeira capa em que foi posta “mão na massa” de fato.

Musicalmente, o *doom metal* é um subgênero que busca o peso por meio de andamentos mais lentos. O espectro sonoro do *doom* é bastante abrangente, podendo incluir tanto vocais limpos e operísticos quanto guturais e distorcidos, ao passo que a atmosfera sonora costuma ter um papel importante na criação das ambientações soturnas.

### 6.1.1 Pré-produção *doom*

Seguindo o raciocínio citado anteriormente sobre o *packaging*, foi decidido que o primeiro álbum da banda, é aquele que possui o projeto mais simples. O seu pacote inclui capa, os dois discos e as chamadas “luvas” (em inglês “*innersleeves*”, capas mais finas que protegem os discos e que são inseridas dentro da capa externa).

A tabela 4 a seguir mostra as faixas selecionadas para este álbum, sua ordem e algumas informações a mais. É possível ver que, liricamente, há uma tendência em abordar temas relacionados à vida e à morte.

#	Música	Artista	⌚	Lado	Lado	Tag?	Tema lírico	Comentário
1	Deus Lhe Pague	Imago Mortis	03:16				Revolta contra o regime militar	
2	Of Everything that Hurts	Solunus	06:12	A	13:02		Relacionamento, sentimentos	
3	Pantera	Som Imaginário	03:34			BR	Morte	
4	Sr. Ozzy	Zé Ramalho & Robertinho do Recife	04:23	B	14:24		Homenagem	
5	Aperto	Yamandu Costa	03:21			BR	-	
6	Three Parchae	Imago Mortis	06:40				Morte, sonho	
7	Sentinela	Milton Nascimento & Nana Caymmi	07:37	C	11:10	BR	Amor, memória, morte	
8	É Doce Morrer no Mar	Dorival Caymmi	03:33			BR	Perda, morte	Respiro antes de <i>Until the Last of Hopes</i> .
9	Until the Last of Hopes	Loneshore	07:42	D	13:46	Link	Perda, morte	Faixa de <i>death-doom</i> , faz o link com o próximo álbum.
10	Saudade	Imago Mortis	06:04				Vida, perda, tempo	

Tabela 4: Listagem de faixas do álbum de *doom metal*.

Fonte: o autor.

Em se tratando do *tracklist* do álbum, este é um momento oportuno de destacar a penúltima faixa, “Until the Last of Hopes” do Loneshore, pois a mesma funciona como conexão entre este álbum (*doom metal*) o seu sucessor (*death metal*). É uma das faixas que fazem a transição álbum-álbum mencionada no tópico 3, porque poderia ser classificada não como *doom metal* apenas, mas sim como *death-doom*, ou seja, uma mistura desses dois subgêneros. E ainda é possível dizer que, por conta da sua estrutura composicional incomum, ela faz um aceno ao quarto álbum da banda, o de metal progressivo. Ela ajuda a manter a narrativa fantasiosa, dando uma prévia das transformações pelas quais o som do Efemérida virá a passar.

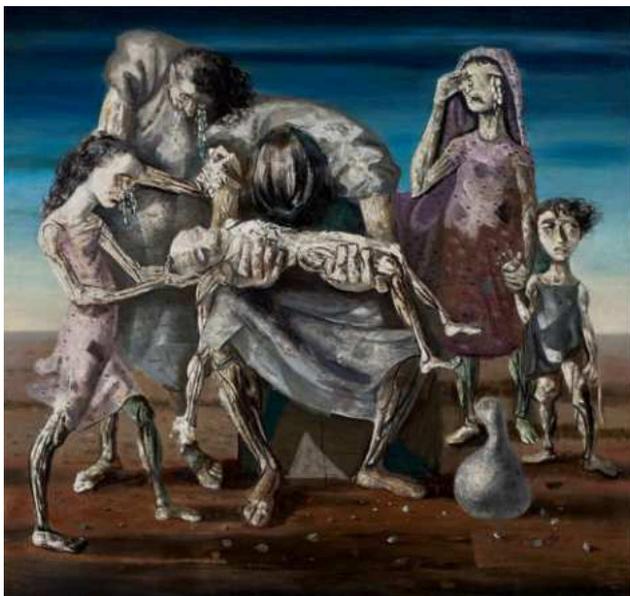
Conceitualmente, foi decidido com base nos temas líricos mostrados na tabela 4 que a esta capa abordaria a morte, principalmente, mas não somente. As letras das faixas serviram de inspiração para além da temática principal da capa, mas também para pequenos elementos da composição.

### 6.1.2 Exterior da capa *doom*

A ilustração externa apresenta uma caveira como elemento principal, trazendo imediatamente o conceito da morte. Acompanhando a caveira há dois objetos: uma vela acesa (referência direta a “Sentinela”, de Milton Nascimento) e uma garrafa transparente parcialmente cheia de um líquido incolor (no caso, cachaça, referência a “Deus Lhe Pague”, de Chico Buarque aqui performada pelo Imago Mortis). O cenário é um desolado deserto à noite, com o chão rachado, montanhas ao fundo e uma lua brilhante (referência a “Three Parchae” do Imago Mortis) no céu limpo. Há ainda, uma efemérida pousada na lateral da garrafa.

O lado da caveira mais próximo à vela acesa encontra-se fortemente iluminado pela chama e ali nasce uma planta que, não faria muito sentido em termos lógicos, mas tenta trazer um elemento de vida e esperança em meio ao contexto estéril da ilustração.

Uma forte influência estética para essa capa foram as obras “Criança morta” e “Retirantes” de Cândido Portinari. Sua técnica aliada ao uso da tinta óleo traz uma visceralidade muito única à pintura e, portanto, a técnica usada na confecção dessa capa foi pintura digital fazendo uso exclusivo de pincéis digitais que buscam emular tinta a óleo.



**Figura 23: “Criança morta” por Cândido Portinari.**

Fonte: Museu de arte de São Paulo.

Disponível em:

<<https://masp.org.br/acervo/obra/crianca-morta>>.

Acesso em 25/06/2024.



**Figura 24: “Retirantes” por Cândido Portinari.**

Fonte: Museu de arte de São Paulo.

Disponível em:

<<https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes>>.

Acesso em 25/06/2024.

A composição busca instigar o espectador a refletir sobre o porquê de cada elemento. A não explicitação de qual é o líquido da garrafa em combinação com o cenário desértico pode influenciar o espectador a pensar em água, por exemplo. A pluralidade de interpretações

da capa foi objetivada em sua elaboração e se inspira no conceito da própria morte enquanto evento, assunto que tanto gera discussões, principalmente no âmbito da filosofia e da religião.

Um aspecto dessa capa que ocorreu de forma espontânea e foi percebido apenas durante sua confecção é o de que o elemento contraste está presente em diversas leituras que podem ser feitas da pintura. Desde o óbvio contraste entre luz e escuridão trazido pelo fogo quente no cenário de cores frias, até a planta que simboliza a vida nascendo de dentro de uma caveira que simboliza a morte, ou a garrafa que possivelmente mata a sede em meio ao ambiente seco. A própria atmosfera de tranquilidade frente à morte pode ser enquadrada nessa ideia de contraste, visto que para tantos esse é um assunto que gera inquietação.

Para o verso da ilustração externa, a princípio pensou-se em haver um barco de madeira vazio (referência a “É Doce Morrer No Mar”, de Dorival Caymmi) mas a composição quando vista em sua totalidade, aberta, frente e verso lado a lado, tornava-se estranha, fragmentada. Um elemento aqui, um elemento ali, porém soltos, desconexos. Portanto foi decidido deixar o verso vazio de elementos ilustrados para além da continuidade da própria paisagem desértica com horizonte montanhoso ao fundo.

No que tange os elementos textuais, o logotipo e nome do álbum foram inseridos centralizados abaixo da caveira na parte frontal. Já a listagem das faixas foi inserida a meia altura e alinhada à margem esquerda no verso, contendo numeração e o lado (A, B, C ou D) em que cada canção se encontra nos discos. O alinhamento à esquerda foi escolhido pois coloca a listagem o mais longe possível da caveira e dos outros objetos da composição frontal, aumentando o espaço vazio em volta dos mesmos e contribuindo para a atmosfera de solidão da capa. Até porque, com a listagem de faixas alinhada ao centro, a capa sofria com o mesmo efeito de fragmentação que surgia com o barco, ainda que dessa vez fosse um elemento informacional/textual e não ilustrativo.



**Figura 25: Spread externo do álbum de doom diagramado.**

Fonte: o autor.

Vale apontar que a abordagem de criar uma composição com diferentes elementos referenciando diferentes faixas ou versos de faixas do álbum se inspira no trabalho de Larry Freemantle. Artista conceituado no meio, o americano trabalhou com diversas bandas de expressão na década de 1990. Ao desenvolver a capa de *Awake*, terceiro álbum da banda americana de metal progressivo Dream Theater, elaborou uma composição que continha um relógio marcando 6 horas, um espelho, uma estátua e uma teia de aranha. Todos esses elementos são referências a títulos ou versos de faixas do álbum (WILSON, 2009, p. 162).



**Figura 26: Capa do álbum *Awake*, do Dream Theater.**

Fonte: Dream Theater. Disponível em:

<<https://dreamtheater.net/wp-content/uploads/2017/07/awake-800px.jpg>>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

### 6.1.3 Interior da capa *doom*

A ideia de ter encontros de elementos contrastantes foi levada adiante para a ilustração interna da capa. Em contrapartida ao deserto da arte externa, a parte interna da capa mostra um oceano e, agora sim, trazendo de volta o barco que foi descartado para o verso da pintura externa, tornando a referência à canção “É Doce Morrer No Mar” ainda mais explícita. Além do barco, no céu ao fundo há uma lua, como na ilustração externa, mas aqui seu brilho é vermelho (referência a “Of Everything that Hurts” do Soturnus). Tanto o barco quanto a lua ao fundo se encontram no painel interno da esquerda, de forma que as luas exterior e interior se alinham. Num geral, a iluminação advinda da lua vermelha na ilustração interna dá à essa composição uma atmosfera mais carregada.

Ademais, o painel da direita dá continuidade ao cenário marítimo mas é sobreposto pelas letras das faixas do álbum, diagramadas em 4 colunas.

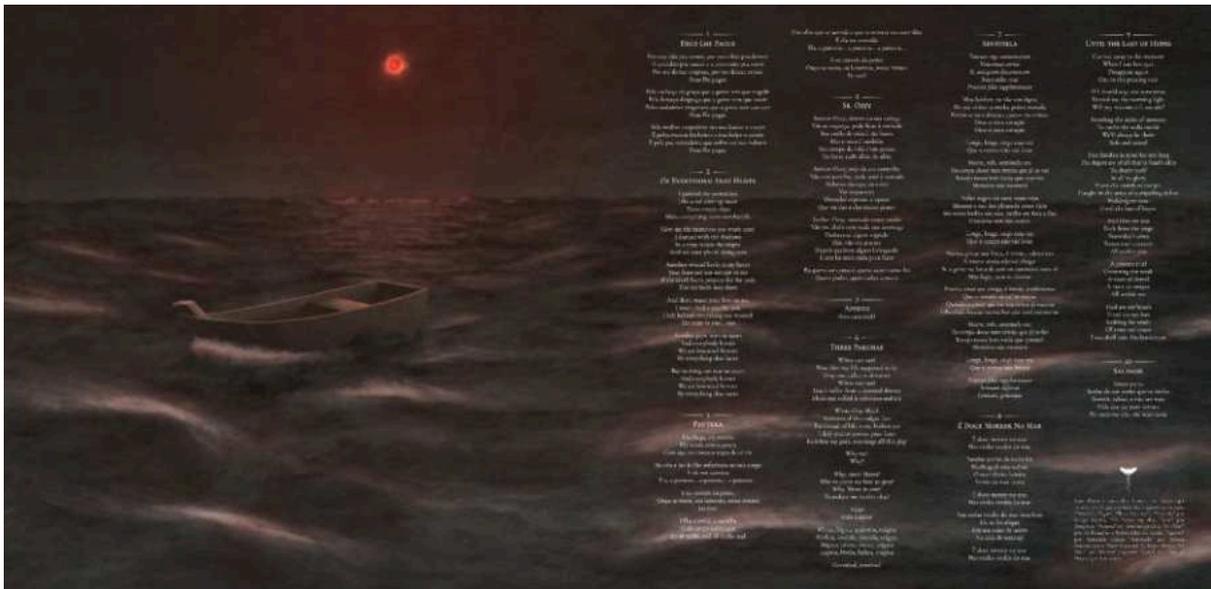


Figura 27: Spread interno do álbum de *doom* diagramado.

Fonte: o autor.

### 6.1.4 Outros elementos do projeto *doom*

Outros itens que compõem o projeto *doom* são as luvas e rótulos dos discos. As luvas apresentam um design simples, apenas uma textura de pinceladas em um tom de azul escuro que dialoga com a ilustração externa da capa.



**Figura 28:** Spread de uma das luvas do álbum de *doom metal*.

Fonte: o autor.

Os rótulos fazem uso das ilustrações da capa: para os rótulos A e B, foram usados fragmentos do chão rachado da ilustração externa, enquanto que para os rótulos C e D, foram usados fragmentos das ondas do mar da ilustração interna. Os rótulos apresentam as informações do nome da banda, do álbum e as faixas contidas nos respectivos lados de cada rótulo.



**Figura 29:** Rótulos dos discos do álbum de *doom*.

Fonte: o autor.

Para o protótipo, as partes externa e interna da capa e as luvas foram todas impressas em papel couchê 180g e coladas em papel color plus 180g na cor preta para então ser feita a montagem dos itens da embalagem final. Os rótulos dos discos foram impressos em vinil adesivo e colados em discos de cor azul. Vale apontar que a impressão e montagem das capas e luvas dos próximos álbuns tiveram o mesmo processo que este, impresso no mesmo tipo de papel, gramatura e também colados em papel color plus, porém de cores diferentes. O mesmo vale para os rótulos dos álbuns seguintes, que foram impressos também em vinil adesivo como este.

### 6.1.5 Nome do álbum *doom*

O nome deste álbum trabalha ainda a partir da ideia de contraste que permeia todo este projeto. O título escolhido foi “Acalanto”, palavra que, em linhas gerais, significa “canção de ninar”. Há, portanto, algumas relações a serem feitas: 1. o fato de remeter à música; 2. o diálogo entre o título e a atmosfera de tranquilidade da composição da capa; e 3. sendo a morte o tema principal deste álbum, pode-se dizer que essa coleção de faixas seria um acalanto ao sono eterno.

## 6.2 VINIL *DEATHRASH*

O segundo álbum na discografia do Efemérida, o álbum que contempla o *death* e o *thrash metal*, teve um processo de produção um pouco diferente do seu antecessor, em parte por conta do seu conceito e em parte por conta do seu *packaging*.

Naturalmente, os subgêneros abordados nessa fase da banda possuem diversas semelhanças em sua identidade sonora, como explicado no tópico 3. Ambos têm a tendência de buscar andamentos mais apressados em geral, enquanto vocais são majoritariamente rasgados, entre gritos agudos e graves guturais. Os dois estilos em questão são mais “barulhentos<sup>4</sup>” do que o *doom metal* do álbum anterior, e são o tipo de som que estimula o olhar leigo averso ao metal por ser “só gritaria e barulho”.

### 6.2.1 Pré-produção e nome do álbum *deathrash*

Sendo este o segundo álbum da banda, seu projeto é um pouco mais complexo. Seu *packaging* conta com os mesmos itens, mas a organização e uso de cada item são feitos de forma diferente, aspectos que serão abordados nos próximos subtópicos.

A tabela 5 a seguir mostra as faixas selecionadas para este álbum, sua organização e mais algumas informações, como mostrado no caso do álbum anterior. É possível ver que há dois temas principais abordados nessa coleção de faixas: a corrupção da sociedade e do ser humano em geral e a destruição do meio ambiente.

---

<sup>4</sup> O adjetivo “barulhento” é usado aqui apenas pela falta de uma palavra melhor, visto que “peso” e “agressividade” são parâmetros subjetivos para se julgar subgêneros dentro do metal. A escolha por “barulhento” se deve pela maior intensidade e velocidade características tanto do *death* quanto do *thrash metal* em relação ao *doom metal*.

#	Música	Artista	⏱	Lado	Lado	Tag?	Tema lírico	Comentário	
1	Atrito	Cangaço	01:24				Intro	-	Ambiente, introdução de <i>Cantar às Excelências das Armas Brancas</i> .
2	Cantar às Excelências das Armas Brancas	Cangaço	04:05	A	11:28		Violência		
3	Roots Bloody Roots	Sepultura	03:32				Cultura, identidade		
4	A Lenda do Abaeté	Dorival Caymmi	02:27			BR	Terror, lenda		
5	Sangria	Platinus	07:27				Corrupção		
6	Kaiowas	Sepultura	03:34	B	16:02	(BR)	-		
7	Amazonia	Gojira	05:01				Meio ambiente		
8	Febre	Project46	05:00				Corrupção, manipulação		
9	Extremosa Rosa	Siba & Roberto Correa	04:11	C	15:45	BR	-		
10	Corpus Alienum	Cangaço	06:34				Sociedade		
11	Cambonos From Hell	Gangrena Gasosa	02:21				Religião		
12	Estudo No. 1	Sergio & Odari Assad	02:05	D	09:37	BR, intro	-	Faixa de violão clássico, "introdução" a <i>Guardians of Earth</i> .	
13	Guardians of Earth	Sepultura	05:11			Link	Meio ambiente	Arranjos sinfônicos e coros, uma prévia dos caminhos explorados no próximo álbum.	

**Tabela 5: Listagem de faixas do álbum de *deathrash*.**

Fonte: o autor.

Com o caráter de crítica ou denúncia de algumas das letras do álbum e os temas principais em mente, foi escolhido o título “Prefácio à Inversão” antes mesmo dos primeiros rascunhos para a arte da capa. Conceitualmente, aqui a “inversão” se refere a todo tipo de inversão de valores sociais advindos da corrupção na sociedade, e a inversão das propriedades climáticas causadas pelo sistema de produção pós-capitalista que vem causando mudanças drásticas no ecossistema do planeta. E “Prefácio” pois o álbum busca criticar e denunciar essas “inversões” em curso antes que seus efeitos sejam irreversíveis.

Em relação ao *tracklist*, a faixa final “Guardians of Earth” do Sepultura serve de conexão com o álbum seguinte. Ainda que a faixa seja indiscutivelmente *death metal*, seu arranjo conta com elementos orquestrais e corais, além da atmosfera épica, todos elementos comuns no gênero do *power metal*. Portanto, a faixa mostra um pouco dos caminhos sonoros que virão a ser explorados no álbum seguinte, impulsionando a narrativa musical do Efemérida.

### 6.2.2 Exterior da capa *deathrash*

A ilustração externa da capa tem como elemento principal um martelo de juiz cuja cabeça está manchada de sangue, trazendo já a simbologia de justiça porém “maculada”. No cabo do martelo há uma efemérida pousada e na extremidade do cabo há um pavio aceso, evocando a ideia de urgência. Por toda a extensão do martelo há o que será chamado aqui de “inversão”, que são formas orgânicas, semelhantes a raízes ou veias ou tentáculos na cor vermelha, que nascem do chão e se propagam pelo objeto, simbolizando sua corrupção. O logotipo é aplicado em vermelho, centralizado acima do martelo, enquanto o título do álbum

localiza-se no canto inferior esquerdo em preto. O fundo é branco com textura de pinceladas e se estende por frente e verso da capa.

No painel da esquerda da ilustração externa há a listagem de faixas do álbum e selo da gravadora alinhados ao centro. No canto inferior esquerdo, há mais ramos de “inversão” se espalhando, subindo e tomando conta de um galho de árvore seco, sem qualquer folhagem. De uma das ramificações do galho, nasce uma maçã mordida, referência ao fruto proibido da Bíblia, no intuito de representar que a “inversão” só permite a proliferação do pecado e da corrupção.



Figura 30: Spread externo do álbum de *deathrash* diagramado.

Fonte: o autor.

Três artistas foram de grande influência para a confecção desta capa: Dan Seagrave, Martin Nesbitt e Michael Whelan. O primeiro é um influente artista britânico no meio, tendo elaborado algumas capas clássicas do *death metal* na década de 1990 e que permanece até hoje um ilustrador proeminente na cena. Sua técnica geralmente faz uso de tinta acrílica sobre tela e, por isso, optou-se por usar pincéis digitais que emulam o uso de tinta acrílica nas ilustrações deste álbum. Já no caso de Martin Nesbitt<sup>5</sup>, sua influência se deu por meio da capa do álbum *Covenant*, lançado em 1993 pela banda americana de *death metal* Morbid Angel, da qual ele foi o fotógrafo. A composição dos objetos dispostos na mesa capturados em plano fechado foi o chamariz para essa referência, pois foge dos padrões de capas dentro do *death metal* enquanto a escolha dos objetos mantém a atmosfera sinistra intacta. E Michael Whelan

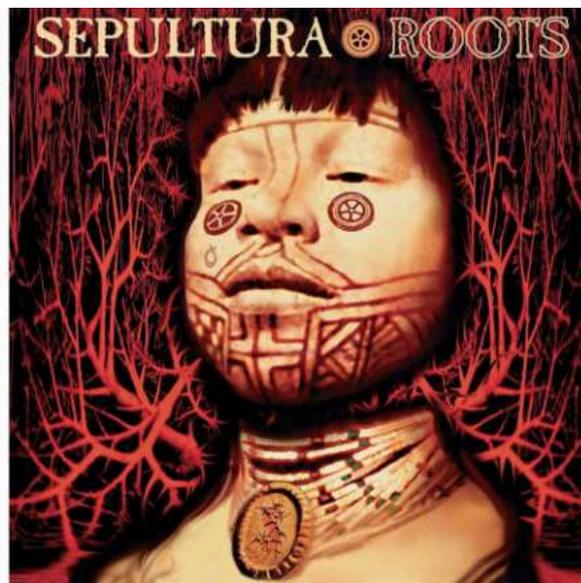
<sup>5</sup> Martin Nesbitt era na verdade um funcionário da Earache Records, gravadora do Morbid Angel na época da produção do álbum *Covenant*. Ele colaborou com a banda na produção da capa e foi o fotógrafo responsável, mas não era um profissional da fotografia em tempo integral (BADIN, 2014). Possivelmente, os créditos da ideia para a composição devam ser mais da banda do que do fotógrafo, mas nesse ponto não há fontes para corroborar com qualquer uma das duas alternativas.

foi o artista que desenvolveu a capa de *Roots*, álbum de 1996 do Sepultura. A obra em questão apresenta um indígena envolto em raízes vermelhas, o que influenciou a escolha da cor dos ramos de “inversão” na capa do *Prefácio à Inversão*. Isso acaba por ser também uma homenagem ao Sepultura, visto que *death* e *thrash* são os subgêneros em que a banda melhor se encaixa.



**Figura 31:** Capa do álbum *Covenant*, do Morbid Angel.

Fonte: Amazon. Disponível em:  
<[https://m.media-amazon.com/images/I/91uenvABJrL.\\_UF1000,1000\\_QL80\\_.jpg](https://m.media-amazon.com/images/I/91uenvABJrL._UF1000,1000_QL80_.jpg)>.  
Acesso em: 25 de junho de 2024.



**Figura 32:** Capa do álbum *Roots*, do Sepultura.

Fonte: Amazon. Disponível em:  
<[https://m.media-amazon.com/images/I/81tvqy8vZSL.\\_UF1000,1000\\_QL80\\_.jpg](https://m.media-amazon.com/images/I/81tvqy8vZSL._UF1000,1000_QL80_.jpg)>.  
Acesso em: 25 de junho de 2024.

Aqui há uma subversão do tradicional estereótipo das capas do *death metal*, visto que em vez de uma cena sangrenta, violenta, cheia de elementos *gore* ou que evocam terror, a composição criada é mais concisa e sóbria. A alusão às tradições do estilo ainda existe, como na mancha de sangue na cabeça do martelo ou o galho morto, por exemplo, mas são menos explícitas. Essa subversão vem a ser resultado de uma busca por dar ao álbum mais “barulhento” do Efemérida, o projeto visual que mais tem espaço de respiro. Isso permite um breve vislumbre conceitual do disco através da capa, mas dá a oportunidade para que o conteúdo musical fale por si.



Figura 33: Algumas capas de *death metal*.

Fonte: o autor.

### 6.2.3 Interior da capa *deathrash*

A parte interna da capa de *deathrash* apresenta no painel esquerdo a ilustração de uma balança antiga em madeira com a mesma tonalidade do martelo de juiz da parte frontal. O objeto possui ramos de “inversão” que nascem do chão e sobem pela sua base e parte da sua estrutura vertical principal. Os pratos da balança se encontram vazios, mas um deles está mais abaixo, inclinando a balança, pesando mais apesar da falta de qualquer item sendo pesado.

O painel da direita apresenta um quarto e último objeto corrompido. Trata-se do quadro *Abaporu*, da artista brasileira Tarsila do Amaral, que encontra-se em uma moldura de madeira gasta. A tela da pintura encontra-se rasgada na diagonal enquanto ramos de “inversão” surgem na parede acima do quadro e descem pela sua lateral esquerda e se espalham pela obra.



Figura 34: Spread interno do álbum de *deathrash* diagramado.

Fonte: o autor.

### 6.2.4 Outros itens do projeto *deathrash*

Um ponto importante do projeto *deathrash* é sua utilização das luvas, que exibem as letras das músicas, divididas em lados A e B em uma luva e lados C e D na outra. Além disso, a outra face de cada luva apresenta uma janela circular que permite que os rótulos dos discos sejam vistos sem que os mesmos sejam retirados. Essas janelas possuem um filtro vermelho em acetato, o que gera uma interação com os rótulos por baixo.

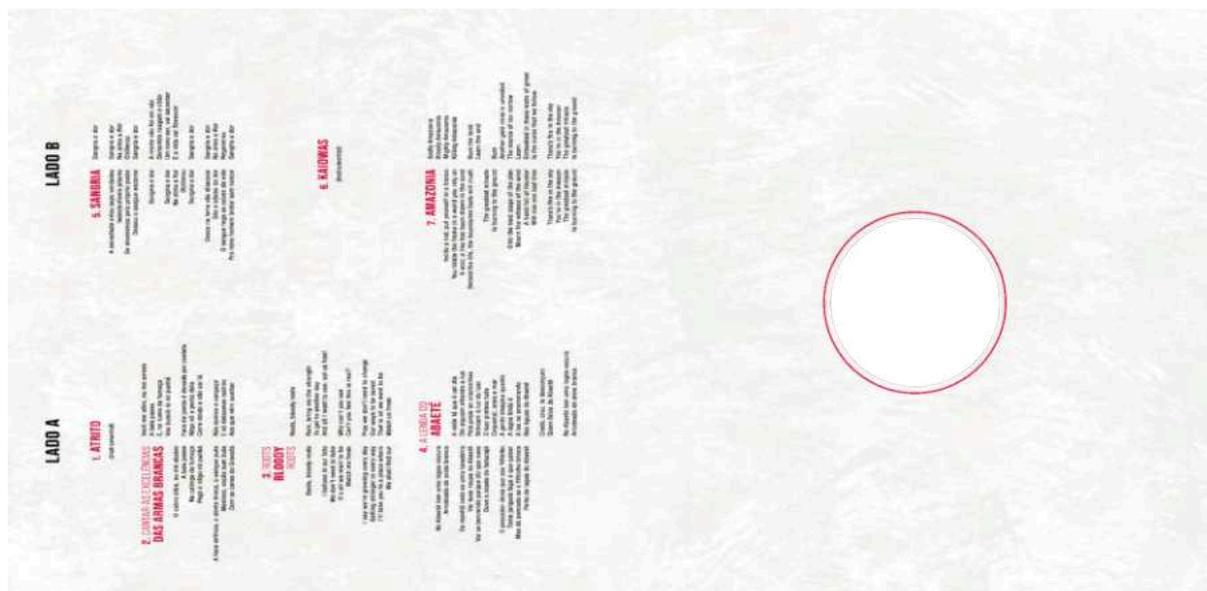


Figura 35: Spread de uma das luvas do álbum de *deathrash*.

Fonte: o autor.

É importante dizer que cada rótulo apresenta uma pequena ilustração, acompanhando o logotipo da banda, nome do álbum e faixas contidas nos respectivos lados de cada disco. Essas pequenas ilustrações são uma vela acesa, uma ampulheta com areia caindo, uma planta em um pequeno monte de terra e uma efemérida. As ilustrações fazem uso apenas de tons de preto/cinza e vermelho sobre o fundo branco, portanto, quando vistas por através do acetato vermelho são “mascaradas”, de forma que revelam a ação da “inversão”. A vela se apaga, a ampulheta torna-se vazia, a planta tem suas folhas removidas e a efemérida perde suas asas.



Figura 36: Rótulos dos discos do álbum de *deathrash*.

Fonte: o autor.

O protótipo deste álbum conta com o revestimento de papel color plus na cor vermelha, assim como os discos também na cor vermelha. Aqui houve o recorte da janela redonda nas luvas e adição de uma lâmina de acetato vermelho por dentro, permitindo ver o disco por detrás do filtro. Infelizmente, a execução da janela de acetato no protótipo não teve o efeito exato desejado, pois seriam necessárias muito mais impressões teste do que as feitas para acertar o tom correto de vermelho que, ao interagir com o acetato, sumiria.

### 6.3 VINIL *POWER METAL*

Apesar de ser o terceiro álbum na linha do tempo narrativa do Efemérida, o projeto gráfico do vinil de *power metal* foi o último a ter sua parte prática iniciada. Diferentemente dos outros três, a técnica usada para seu desenvolvimento foi a manipulação digital de imagens, em vez da pintura digital.

Sonoramente, o *power metal* é um subgênero bem mais melódico do que os citados anteriormente. O estilo possui bastante alternância entre andamentos médios e rápidos, enquanto emprega majoritariamente vocais limpos e, comumente, vocalistas tenores, capazes de atingir notas altíssimas. Mais do estilo será descrito a seguir pois é altamente pertinente nas escolhas gráficas do projeto deste álbum.

#### 6.3.1 Pré-produção *power*

O álbum de *power metal* é o primeiro a possuir um novo item como parte do seu *packaging*: um encarte de quatro páginas no qual serão exibidas as letras das faixas. Portanto, o *packaging* inclui capa, luvas e encarte, além dos discos rotulados, é claro.

A tabela 6 a seguir mostra as faixas do álbum, sua ordem e mais algumas informações, como feito para os álbuns anteriores.

#	Música	Artista	⌚	Lado	Lado	Tag?	Tema lírico	Comentário
1	Canudos	Armahda	05:13	A	14:21	Link	Batalha, história	Sonoridade entre o thrash e o power, ponto de ligação entre o álbum anterior e esse.
2	For Tomorrow	Shaman	06:47			Utopia, progresso		
3	Cheio de Dedos	Guinga	02:21			BR	-	
4	Never Understand	Angra	07:50	B	14:01		Sonho x realidade, tempo, envelhecimento	
5	Rooster Race	Maestrick	06:11			Tempo, sonhos		
6	We Are	Vocifer	03:53	C	11:38		União, sociedade	
7	Late Redemption	Angra & Milton Nascimento	04:55			Religião, filosofia, espiritualidade		
8	Pot-Pouri: Berimbau/Consolação	Toquinho & Vinícius de Moraes	02:50			BR	Amor, dor	
9	Rainha do Luar	Edu Falaschi & Elba Ramalho	04:06	D	14:41		Amor, progresso, união	
10	Carolina IV	Angra	10:35			Link	Descoberta, sonhos	Faixa powerprog, link entre esse álbum e o próximo.

Tabela 6: Listagem de faixas do álbum de *power metal*.

Fonte: o autor.

Assim como no álbum de *deathrash*, aqui há uma tendência a abordar temas relacionados à sociedade. Porém, divergindo do tom do seu antecessor, que costuma ser crítico ou de denúncia, aqui o tom busca ser mais otimista, recorrentemente tratando de temas como progresso ou valorização de culturas em paralelo à ideia de sociedade. Há ainda uma inclinação em falar sobre tempo e como ele interage com a sociedade e os indivíduos, e como para se atingir grandes objetivos e evoluir enquanto comunidade é necessário empenho e trabalho conjunto. Levando em conta essas ideias, o título escolhido para o álbum de *power metal* foi “Egrégora”, palavra oriunda do grego que significa uma força espiritual que resulta da soma das energias mentais, físicas e emocionais provenientes de duas ou mais pessoas reunidas em grupo.

O cunho otimista trazido pelas letras das faixas e resumido pelo título induziu à escolha consciente de uma paleta de cores mais plural e um projeto visual mais extravagante do que qualquer uma das outras três capas. E “extravagante” é uma palavra importante no contexto do *power metal*, visto que o subgênero tem fortes tendências de tentar sê-lo. Seja no aspecto sonoro, que busca constantemente ambientações épicas para narrar histórias fantásticas, ou no aspecto visual, com capas complexas e maximalistas que tentam traduzir a atmosfera do som em imagem. Sejam as composições visuais ambiciosas ou as frequentes inspirações em eventos históricos ou autores de fantasia como J.R.R.Tolkien, há uma frequente busca pelo exagero. Um exagero que difere daquele visto no *death metal*, por exemplo, com cenas gráficas e violentas, mas que vai na direção do imaginário, do lúdico, do excêntrico e até, por vezes, do onírico.



Figura 37: Algumas capas de álbuns de *power metal*.

Fonte: o autor.

Em relação às faixas contempladas, “Canudos” do Armahda é uma canção mais agressiva do que o comum para o *power metal*, o que a aproxima do *thrash*, fazendo a conexão com o álbum anterior, portanto. Na outra extremidade do *tracklist*, “Carolina IV” do Angra é inconfundivelmente uma faixa *power metal*, mas sua composição experimental, estrutura multiparte e longa duração a relacionam também com o progressivo, conectando este álbum com seu sucessor.

### 6.3.2 Exterior da capa *power*

A abordagem neste álbum foi semelhante à do álbum anterior, ou seja, a partir das temáticas das letras das faixas selecionadas foram extraídos temas e, então, foi elaborada uma composição. Essa composição busca retratar uma ideia macro das temáticas abordadas nas letras em questão, dando menos foco a títulos ou versos de faixas específicas, apesar de ainda haver algumas referências mais pontuais.

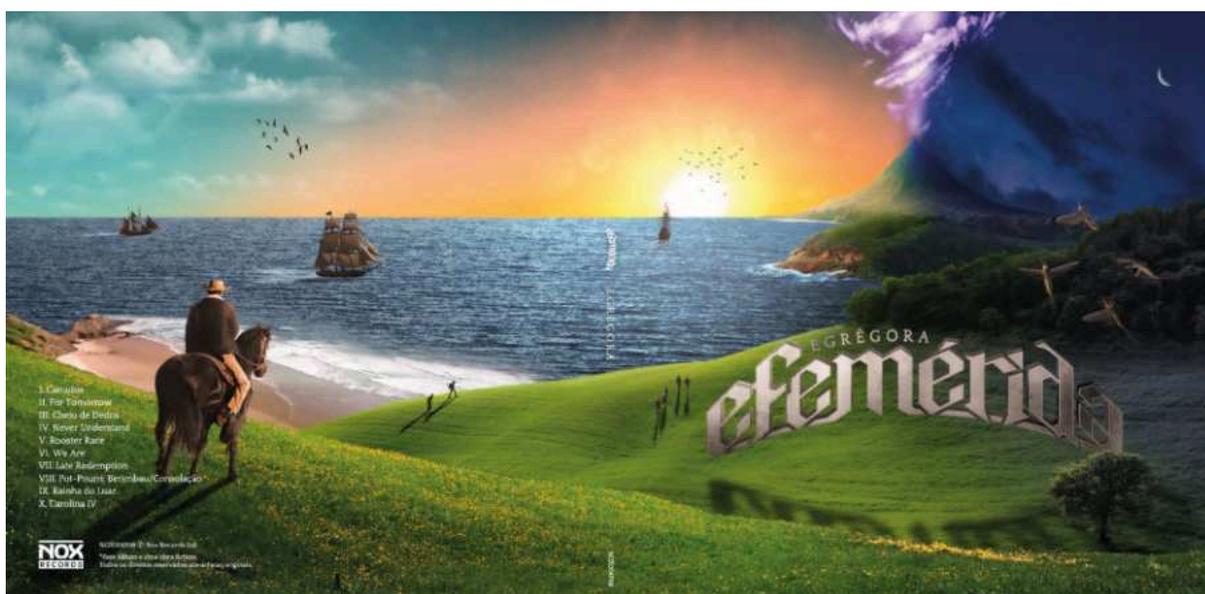
A composição exterior da capa busca aglutinar os conceitos otimistas descritos acima em uma espécie de cena constituída por várias “sub-cenas”. A capa apresenta uma paisagem natural vasta, formada por colinas, há uma enseada no lado esquerdo, florestas cobrem alguns dos montes e há uma montanha que se destaca ao fundo, mais alta que qualquer outro elemento na cena. Do topo dessa montanha principal nasce uma iluminação roxa de aspecto mágico que sobe em direção ao céu, que encontra-se dividido entre dia à esquerda e noite à direita, com o sol poente e a lua crescente ambos presentes, um de cada lado da iluminação mágica.

Em primeiro plano há as costas de um homem montado a cavalo no canto esquerdo, andando sobre uma colina com grama florida; essa colina começa em primeiro plano, tem uma descida que leva a um campo em segundo plano onde há o limiar de um bosque. À esquerda, o campo torna-se uma descida e transforma-se em uma praia conforme a elevação do terreno atinge o nível do mar. Na colina há pessoas andando em grupo e no mar para além da praia há três embarcações antigas navegando. Além disso, há um quarteto de efeméridas voando no lado direito da composição e ao fundo há dois grupos de aves voando no céu.

A iluminação de toda a paisagem busca um certo exagero, com parte da cena iluminada pelo pôr do sol e outra parte escurecida pela noite trazida pela lua. É uma iluminação propositalmente surreal, evocando um aspecto fantasioso e onírico enquanto as cores contribuem sendo igualmente surreais, com tons fortemente saturados.

A aplicação do logotipo é diferente dos outros álbuns, visto que evita uma aplicação **sobre** a composição, em favor de uma aplicação **dentro** da mesma. O logotipo ganha volume,

uma textura metálica envelhecida e é integrado à paisagem, como um objeto flutuante sobre a relva do campo em segundo plano supracitado. O mesmo ocorre com o título do álbum, que é inserido em arqueado, encaixado em meio às hastes ascendentes do logotipo. É importante apontar que há uma certa liberdade poética na forma como a iluminação da cena age sobre o logotipo, que não está com sua face frontal obscurecida apesar de a luz vir de trás. Esse recurso se fez necessário na medida em que a legibilidade foi levada como prioridade, preterindo o realismo da iluminação. Ademais, a listagem de faixas e o selo da gravadora foram alinhados à esquerda no canto inferior do painel da esquerda.



**Figura 38: Spread externo do álbum de *power* diagramado.**

Fonte: o autor.

Em sua totalidade, a composição busca mostrar de forma metafórica uma busca conjunta por uma sociedade harmônica. A montanha ao fundo representa esse objetivo comum e a magia que ela projeta em direção ao céu busca retratar o seu caráter utópico, mágico, irreal. Os personagens todos da cena, o homem a cavalo em primeiro plano, as pessoas no gramado em segundo plano, as embarcações no mar, os pássaros ao fundo e as efeméridas movem-se todos em direção à montanha, todos têm o mesmo objetivo.

Além disso, o conceito de tempo abordado em várias faixas se faz presente tanto na dicotomia dia/noite quanto na fisionomia dos personagens humanos da cena. O homem a cavalo se veste com roupas não-modernas e chapéu enquanto o grupo de pessoas caminhando no gramado possui roupas comuns contemporâneas; em contrapartida, as embarcações remetem a séculos passados, se assemelhando a caravelas, por exemplo. Cada um desses elementos traz a bagagem de um tempo histórico diferente, fazendo um aceno à afinidade do

subgênero em tratar de diferentes momentos da história e juntando todos nesse cenário utópico de harmonia. Um último detalhe que vale ser mencionado é a “materialização” do tempo na forma da silhueta de uma ampulheta constituída pela montanha principal em conjunto com a magia no céu.

### 6.3.3 Interior da capa *power*

A face interna da capa do álbum de *power metal* se distancia da visão macro apresentada pela face externa e traz uma visão mais pontual de um grupo de pessoas específico. A composição é elaborada a partir de uma foto aérea de um bosque, em um ângulo vertical de cima para baixo, a partir da qual é possível ver o topo das copas das árvores assim como um caminho por entre elas.

A iluminação da cena é bem baixa, mas algumas das árvores tem suas copas parcialmente iluminadas com uma luz amarelada permitindo compreender que o momento capturado é durante o nascer ou pôr do sol. É possível ver um grupo de pessoas andando pelo caminho escuro no meio da vegetação, iluminados apenas por feixes de magia roxa que navegam pelo terreno. Esses feixes emitem uma luz baixa que permite distinguir as figuras da comitiva e serpenteiam pelo bosque, mostrando o caminho que o grupo de andarilhos deve tomar para chegar ao seu objetivo, a montanha da capa.

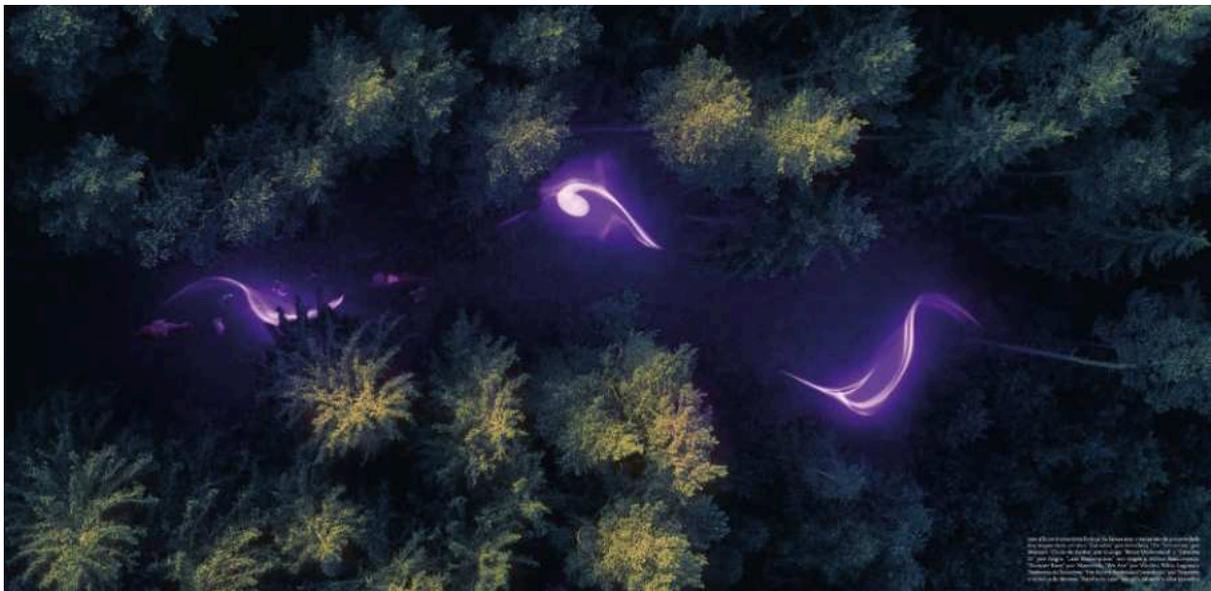


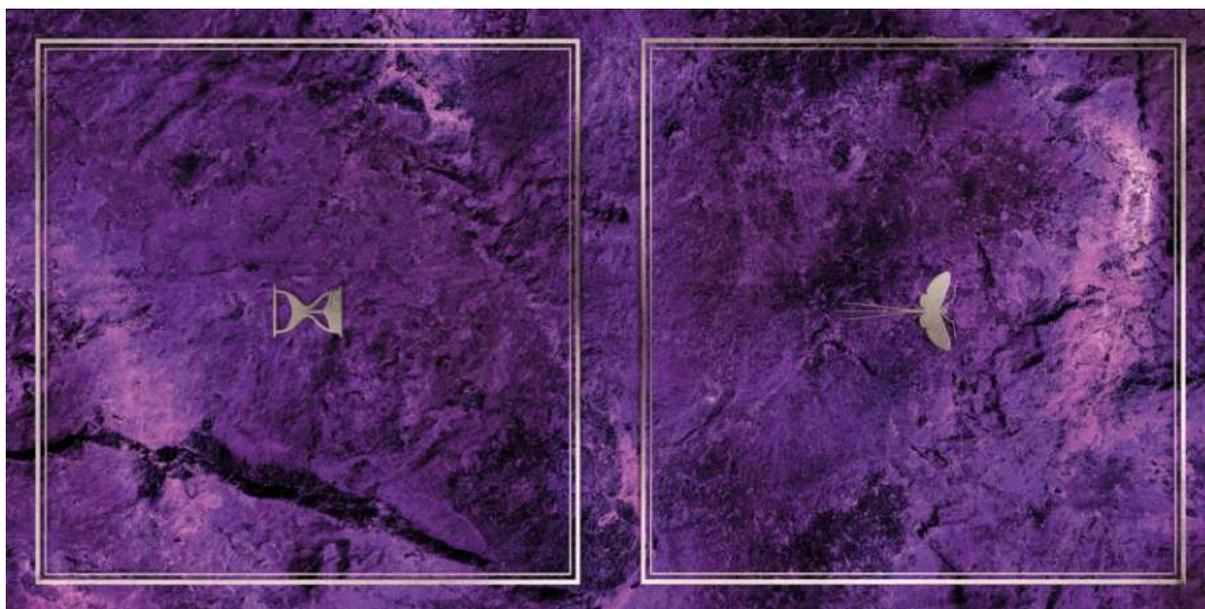
Figura 39: Spread interno do álbum de *power* diagramado.

Fonte: o autor.

### 6.3.4 Outros itens do projeto *power*

As luvas deste álbum levam adiante a ideia de sair do macro para o micro, como feito na transição da face externa para a interna da capa, e sendo assim apresentam recortes bem

aproximados da lateral pedregosa da montanha principal da capa. Além da textura da pedra, há a iluminação proveniente dos feixes de magia roxa dando à toda a superfície natural um aspecto fantástico. Há ainda, em cada face das duas luvas uma fina moldura por todo o perímetro e no centro uma pequena imagem minimalista de algum elemento referenciando os conceitos do álbum: uma efemérida, uma ampulheta, um sol e uma lua. Tanto as molduras quanto as pequenas imagens tem aspecto metálico envelhecido, como o logotipo na capa.



**Figura 40: Spread de uma das luvas do álbum de *power metal*.**

Fonte: o autor.

Outro item incluído no *packaging* deste álbum é um encarte de quatro páginas no qual são exibidas as letras das faixas. O encarte mantém a ideia do micro e, por conseguinte, traz recortes aproximados de elementos da capa como fundo: a vegetação dos bosques, a grama da colina e a água do mar. Há também fotografias que compõem a diagramação, contidas em molduras diagonais de aparência metálica envelhecida como o logotipo na capa e os detalhes das luvas. Essas imagens são: uma efemérida pousada em uma planta, o topo da montanha principal envolto em magia e um céu noturno com uma lua brilhante.



Figura 41: Spreads externo e interno do encarte do álbum de *power diagramados*.

Fonte: o autor.

Os rótulos fazem uso das mesmas imagens de fundo do encarte, mas são fragmentos ainda mais aproximados das imagens, sendo o último passo na transição macro-micro do projeto gráfico deste álbum. Por fim, o protótipo deste álbum possui revestimento color plus na cor preta e discos na cor amarela. O encarte foi impresso em papel couché 180g como as capas e luvas, frente e verso impressos separadamente por limitações da gráfica contratada e colados.



Figura 42: Rótulos dos discos do álbum de *power*.

Fonte: o autor.

#### 6.4 VINIL PROGRESSIVO

O projeto para o vinil da quarta e última fase do Efemérida, a fase de metal progressivo, teve uma abordagem um tanto diferente dos demais. Mas para explicar as decisões gráficas envolvidas é necessário um entendimento um pouco mais aprofundado a respeito do estilo em si.

O metal progressivo é um subgênero que surge da junção do *heavy metal* com o rock progressivo. Surgido e popularizado nas décadas de 1960 e 1970, o rock progressivo tinha como sua principal pretensão progredir com o gênero do rock (vide o seu nome), muitas vezes por meio de hibridizações com outros gêneros musicais como blues, jazz, psicodelia, folk e até a música clássica. Canções de rock progressivo frequentemente atingiam longas durações, por vezes ocupando lados inteiros (ou mais de um lado) de um disco de vinil. Suas estruturas raramente seguiam a típica fórmula verso-refrão mais comumente vista em gêneros como o pop, por exemplo. E seus arranjos costumam demandar um alto nível de técnica e conhecimento teórico dos músicos envolvidos, por vezes trabalhando as composições de forma altamente analítica e até mesmo metalinguística.

Quando se manifesta no cenário do metal, portanto, as hibridizações são igualmente comuns, assim como as características supracitadas. O que torna o cenário do metal progressivo especialmente amplo é justamente a gama enorme de seus subgêneros que vêm a ser combinados com a abordagem experimental do rock progressivo. Isso quer dizer que, uma banda de *doom metal* pode decidir expandir seu som para fora dos limites do estilo *doom* e, conseqüentemente, se tornar uma banda de metal progressivo, ou *progressive doom metal* para aqueles que fazem questão de especificar ao máximo a rotulação.

Sendo assim, a quantidade de sonoridades que podem ser agrupadas debaixo do guarda-chuva do metal progressivo é enorme. Por exemplo, quatro bandas: Dream Theater, Opeth, Tool e Meshuggah, são bandas consideradas ícones do estilo, ainda que sonoramente elas apresentem diferenças absolutas e o que as encaixe no cenário seja suas abordagens

experimentais para o processo de composição. Inclusive, essa pluralidade de sonoridades se reflete na pluralidade de estilos para os logotipos como já abordado no tópico 4.

Com essa contextualização em mente, então, é possível adentrar o processo de elaboração da capa do quarto disco do Efemérida.

#### 6.4.1 Pré-produção e nome do álbum progressivo

No processo de escolha e organização das faixas que iriam compor este álbum, ficou claro que ele seria o mais complicado de definir uma temática geral, justamente por conta dos motivos mencionados acima. As faixas selecionadas são de bandas que pertencem a diferentes espectros do gênero do metal, o que gera uma variabilidade mais acentuada para as temáticas líricas.

#	Música	Artista	⏱	Lado	Lado	Tag?	Tema lírico	Comentário
1	Jasco	Sepultura	01:58			(BR), intro	-	Acústica, "introdução" de <i>The Shadow Hunter</i> .
2	The Shadow Hunter	Angra	08:08	A	17:46	Link	Religião, filosofia, espiritualidade	Faixa powerprog, link entre esse álbum e o anterior.
3	Penitência	Maestrick	04:49				Vida, cotidiano, cultura	
4	Cristal	Cesar Camargo Mariano	02:51			BR	-	
5	Unafraid	The Anchoret	07:18				Coragem, liberdade	
6	Journey	Luis Mariutti	04:32	B	18:16	(BR)	-	
7	Holy Land	Angra	06:26			(BR)	Descoberta	
8	Roendopinho	Guinga	03:02			BR	-	
9	Mother Soil	Piah Mater	11:46	C	18:14		Sentimentos, espiritualidade	
10	Inexistents	Piah Mater	03:26				Memória	Acústica, epílogo de <i>Mother Soil</i> .
11	A Dança das Borboletas	Sepultura & Zé Ramalho	05:34	D	11:19		Filosofia, metáfora	Não é prog, mas faz um aceno final ao conceito da nome da banda antes da última faixa.
12	Haven	Der Weg einer Freiheit	05:45				Espiritualidade, morte	

**Tabela 7: Listagem de faixas do álbum de metal progressivo.**

Fonte: o autor.

Em vista disso, foi decidido que a capa para o quarto vinil seria motivada pelo contexto da narrativa fictícia da banda ao invés de alguma temática geral extraída das letras das faixas contempladas. Logo, sendo este o último álbum, aquele em que a banda atinge sua “forma final” após tantas transformações, o título escolhido foi o próprio nome da banda: “Efemérida”. Um álbum auto-intitulado, demonstrativo da identidade sonora definitiva da banda, um título que busca autoafirmação.

Para além do título, a lista das faixas exemplifica bem as tendências de hibridização do metal progressivo. A faixa “The Shadow Hunter” do Angra serve de conexão com o álbum anterior já que, juntamente com “Penitência” do Maestrick, deriva da mistura do progressivo com o *power metal*. Já a dupla “Mother Soil” e “Inexistents” do Piah Mater vêm da mistura do progressivo com *death metal*.

No entanto, neste álbum é importante destacar uma “anomalia” no *tracklist*: “Haven” do *Der Weg einer Freiheit*, a faixa final, é na verdade mais alinhada com outro subgênero do metal, o *post-metal*. O *post-metal* é um subgênero que compartilha algumas características com o metal progressivo, mas a faixa foi escolhida principalmente pela sua atmosfera etérea que remete a Milton Nascimento, fato já mencionado anteriormente, no tópico 3, mas que é válido de ser repetido aqui, dado o contexto.

#### 6.4.2 Exterior da capa de progressivo

Com o título “Efemérida”, faz-se válido dar, enfim, o papel de protagonista ao inseto que nomeia a banda na capa do quarto álbum. Até então tendo apenas aparições como coadjuvante nas capas anteriores, no álbum de metal progressivo o objeto principal da composição é um exemplar de efemérida, o próprio inseto. Por conta da natureza complexa das composições no metal progressivo a capa busca trazer esse espírito “analítico”, exibindo uma efemérida “desmembrada” como em um estudo anatômico da mesma. Seu corpo ocupa a metade direita da frente da capa e suas asas ao lado, na parte superior esquerda.

No espaço vago do canto inferior esquerdo encontra-se a quarta e última versão do logotipo, além do nome da espécie em questão, “*Ephemeroptera musicallis*”, uma espécie fictícia, assim como a banda. Ambos são aplicados em um tom escuro de marrom. Parte da tipografia usada busca simular uma escrita à mão, a fim de manter a ideia de ser um estudo anatômico feito de forma manual/artesanal. É importante deixar claro que a anatomia apresentada não corresponde a nenhuma espécie real, mas uma mistura de características gerais de espécies da ordem *Ephemeroptera*.



Figura 43: Spread externo do álbum progressivo diagramado.

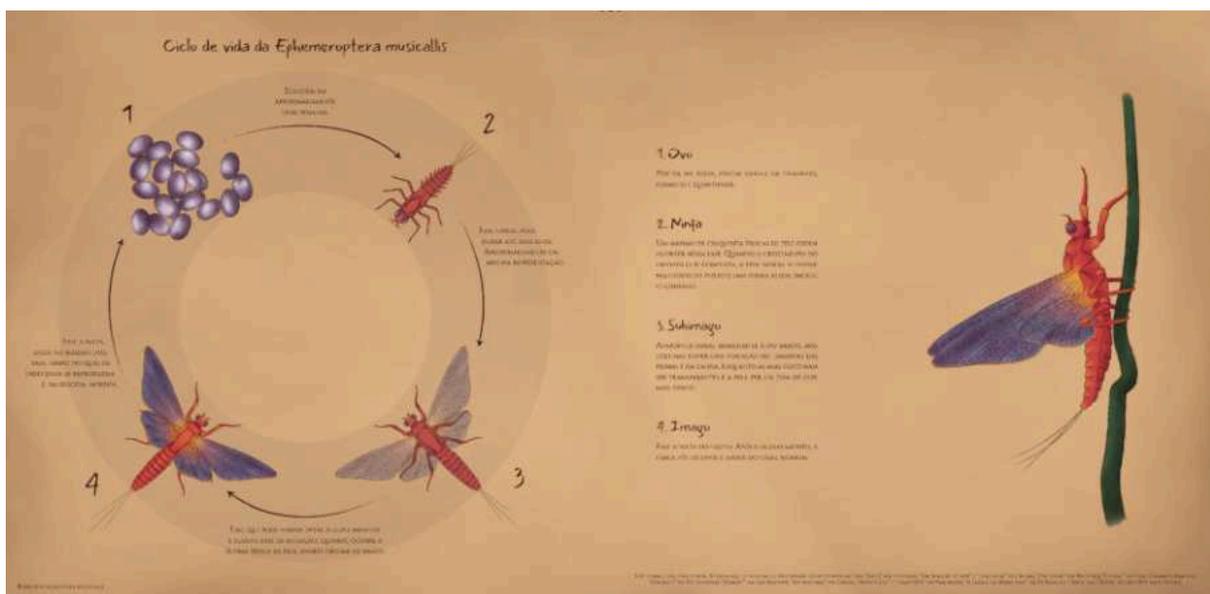
Fonte: o autor.

A anatomia da efemérida é desenvolvida a partir de ilustração vetorial e sua pintura busca simular digitalmente uma pintura em aquarela. Essa combinação de técnicas (ilustração vetorial e aquarela, ainda que apenas simulada) é uma forma sutil de tentar representar na própria execução do projeto as tendências de hibridização musical do subgênero em questão. Além disso, o fundo busca se assemelhar a uma página de papel envelhecido, com tonalidades de papel pardo ou pergaminho.

No painel da esquerda, há a representação de um exemplar da espécie *Ephemeroptera musicallis* pousada sobre uma folha de uma planta com um fundo difuso em tons de verde que sugere um ambiente de mata densa. A intenção aqui foi sugerir um ambiente como um bioma de mata atlântica ou floresta tropical, visto que são biomas abundantes no Brasil e comumente relacionados pelo senso comum ao arquétipo de “natureza”.

### 6.4.3 Interior da capa de progressivo

O interior da capa segue a ideia da parte externa, de ser um estudo biológico dessa espécie fictícia de inseto. Porém, na parte interna, o estudo é sobre o ciclo de vida do inseto, elaborando sobre as fases que compõem esse ciclo a partir de ilustrações e textos. No painel esquerdo há um esquema em círculo, mostrando as quatro fases: ovo, ninfa, subimago e imago, acompanhado de breves explicações em cada estágio. No painel da direita, alinhado à margem esquerda, há uma coluna de texto que elabora em mais detalhes sobre cada fase do ciclo. Na metade direita do painel há uma ilustração maior de uma efemérida repousada em uma estrutura vertical que se assemelha a um galho ou caule de planta.

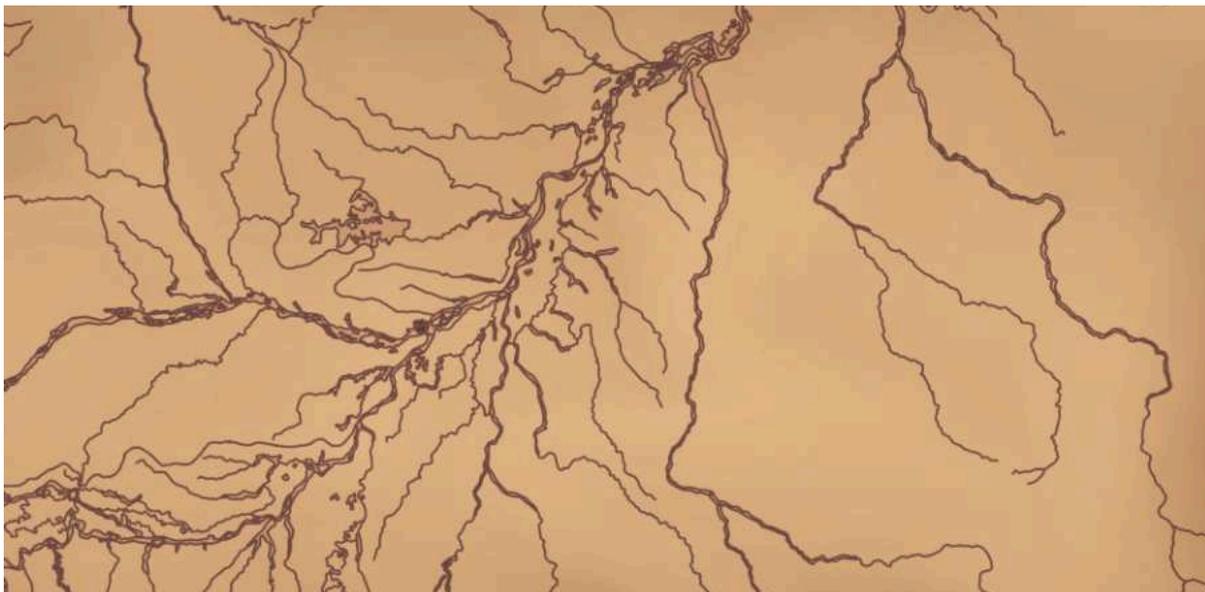


**Figura 44: Spread interno do álbum progressivo diagramado.**

Fonte: o autor.

#### 6.4.4 Outros itens do projeto progressivo

As luvas deste álbum possuem o mesmo aspecto de papel pardo da capa e apresentam fragmentos do mapa hidrográfico dos rios do Brasil. Visto que a maior parte do ciclo de vida da efemérida acontece dentro d'água (fases oval e ninfal), optou-se por fazer referência a isso nas luvas. No entanto, por serem apenas fragmentos e não a totalidade do mapa, o observador desavisado poderá não identificar o mesmo e entender os grafismos das luvas como uma espécie de padronagem ou algo do tipo.



**Figura 45: Spread de uma das luvas do álbum de metal progressivo.**

Fonte: o autor.

Já os rótulos seguem a coloração de papel envelhecido, apresentando o logotipo da banda e listagem de faixas de cada lado de cada disco. Cada um dos rótulos possui ao fundo das informações textuais algumas ilustrações anatômicas comparando diferentes partes de diferentes espécies de efeméridas: asas, cauda, órgão reprodutor feminino e órgão reprodutor masculino. Essas ilustrações possuem baixa opacidade em função de não conflitar com a legibilidade das informações em texto.



**Figura 46: Rótulos dos discos do álbum progressivo.**

Fonte: o autor.

Há ainda um encarte interno onde é possível encontrar as letras das faixas em um dos lados e, no outro, informações sobre a biologia das efeméridas, intercalando esse conteúdo escrito com ilustrações anatômicas. Este encarte possui largura três vezes maior que a altura, portanto, é dobrado em três partes para ser inserido dentro da capa. O encarte segue a temática dos outros itens, apresentando uma coloração de papel envelhecido, mas nele, além do tom de fundo há uma porção de manchas de tinta que se espalham pela sua extensão. A intenção é sugerir um estudo de campo realizado *in loco* e que sofreu diversos acidentes durante uma suposta expedição para estudar os insetos ali representados. Um detalhe é que as manchas são espelhadas de um lado para o outro do encarte. E é importante creditar as ilustrações anatômicas, que foram extraídas do artigo *Nesameletidae (Insecta: Ephemeroptera)*, escrito por Hitchings e Staniczek e ilustrado por L. Barbour. As informações técnicas a respeito da *Ephemeroptera musicallis* exibidas no encarte e na face interna da capa estão disponíveis no apêndice A.

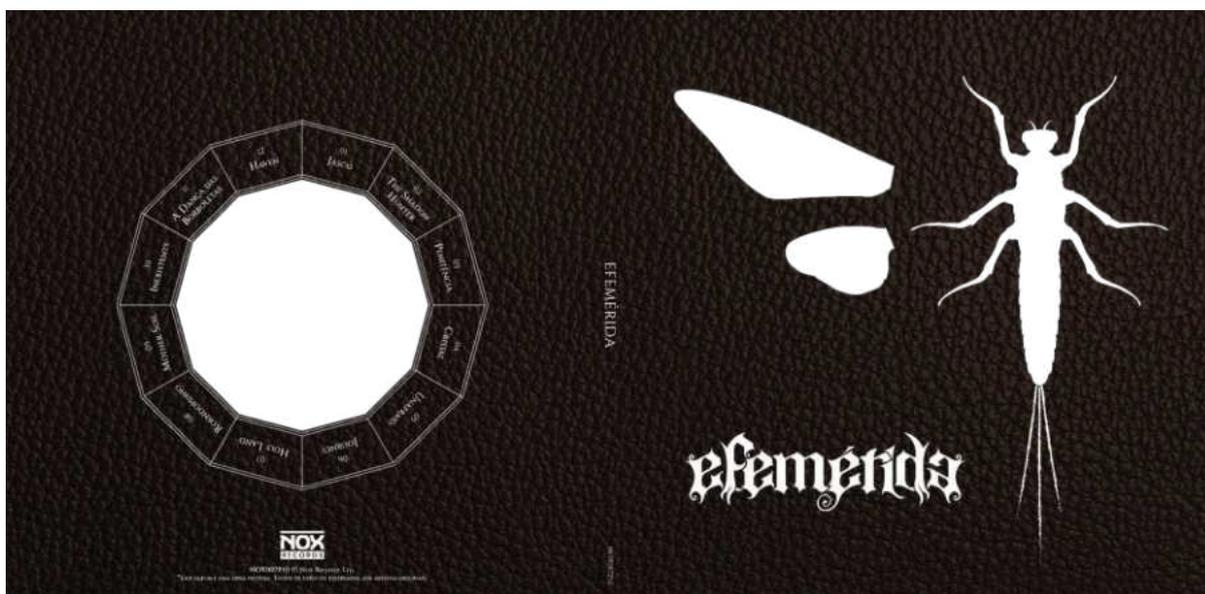


**Figura 47: Spreads dos dois lados do encarte do álbum progressivo diagramados.**

Fonte: o autor.

O encarte é dobrado em três partes de forma que, quando fechado, de um lado fica a primeira página das informações técnicas sobre o inseto e do outro a primeira página das letras das faixas, portanto pode-se ler em qualquer sentido.

Ademais, o álbum progressivo tem um item diferencial em relação aos três anteriores. Além da capa padrão, luvas, rótulos e encarte interno, há uma sobrecapa que possui áreas vazadas que permitem que o corpo e as asas na ilustração frontal da capa, assim como parte da ilustração do verso, fiquem visíveis. Essa sobrecapa possui um aspecto visual de couro, como a capa de um livro antigo ou algo semelhante. Aqui, não há o nome da espécie fictícia em questão, mas o logotipo, aplicado em branco, encontra-se localizado analogamente à sua aparição na capa, representando não apenas o nome da banda mas também o nome do álbum. A listagem de faixas encontra-se no entorno na área vazada do verso, que é constituída por um dodecágono.



**Figura 48: Spread da sobrecapa do álbum progressivo diagramada.**

Fonte: o autor.

Trazer a sobrecapa como elemento que esconde parte da capa foi inspirado nos trabalhos dos designers Kevin Moore e Corey Meyers com as bandas Spiritbox e Between the Buried and Me, respectivamente. Por coincidência, são duas bandas que têm tendências progressivas no seu som. O *packaging* do *Eternal Blue*, álbum de estreia do Spiritbox, apresenta uma sobrecapa branca com uma forma vazada na parte frontal que se assemelha a um olho, o que permite ver a capa abstrata de tons azulados por debaixo.



**Figura 49: Sobrecapa, capa e disco do *Eternal Blue*, álbum do Spiritbox.**

Fonte: Rise Records. Disponível em: <<https://riserecords.com/products/sptbeb18bl-lp>>. Acesso em: 18 de julho de 2024.

Já no álbum *Colors II*, do Between the Buried and Me, não há sobrecapa ou qualquer item “extra” que se sobreponha à capa. Nesse caso, é a própria capa que apresenta áreas vazadas, tornando visíveis as luvas dentro. Na frente da capa, a área vazada tem o formato de dois retângulos verticais levemente inclinados, uma alusão ao “II” do nome do álbum; no verso a área vazada é um pequeno círculo próximo à extremidade superior direita.



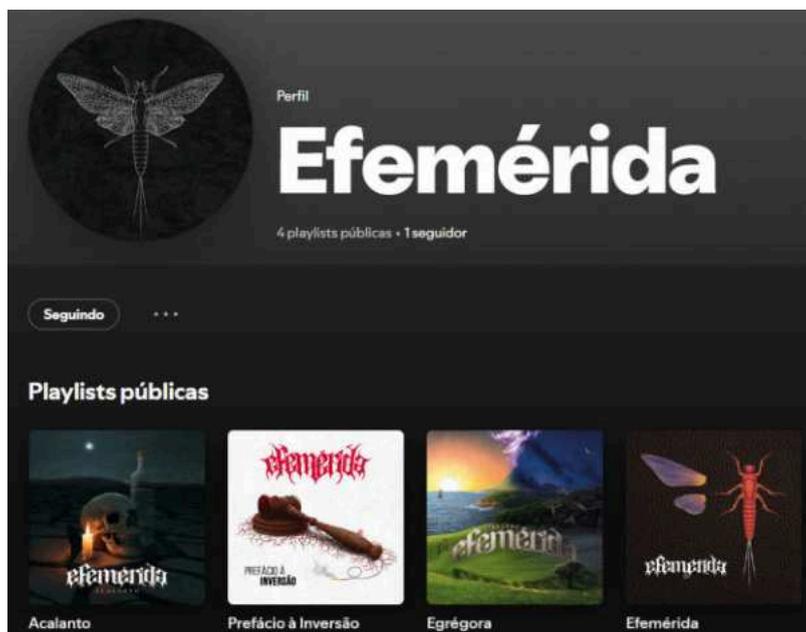
**Figuras 50: Frente e verso do *Colors II*, álbum do Between the Buried and Me.**

Fonte: Discogs. Disponível em: <<https://www.discogs.com/release/20011096-Between-the-Buried-and-Me-Colors-II>>. Acesso em: 18 de julho de 2024.

Finalmente, o protótipo deste álbum conta com o revestimento de papel color plus na cor marrom escuro, enquanto os discos são na cor verde. O encarte foi impresso em papel couché 180g mas por conta do seu comprimento e uma limitação técnica da gráfica contratada precisou ser impresso em partes e colado frente e verso. Já a sobrecapa foi impressa em papel fotográfico 180g e também montada sobre o papel color plus de mesma cor que a capa e as luvas.

### 6.5 EFEMÉRIDA NO *STREAMING*

Visto que os álbuns do Efemérida não são acessíveis enquanto mídia física, a discografia foi disponibilizada na plataforma de *streaming* musical Spotify. Foi feito um perfil para a banda na plataforma, dentro do qual foram criadas quatro *playlists*, cada uma com as faixas de cada álbum fictício. O perfil da banda pode ser acessado a partir do link: <https://open.spotify.com/user/312i6e2hqunypjf7wxziiykqt6a?si=5a286ef51e02448b>.



**Figura 51: Perfil do Efemérida no Spotify.**

Fonte: o autor.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da banda Efemérida, assim como a de sua trajetória de quatro álbuns, foi uma jornada que abrangeu design e música de forma conciliatória, ao passo que buscou tornar claro o quão brasileiro o gênero do *heavy metal* pode ser. Para tanto, foi feito um mergulho na história e características do estilo, assim como o estudo das suas manifestações visuais. Além disso, buscamos entender um pouco sobre o disco de vinil e o porquê de ser a mídia mais pertinente para a narrativa aqui estabelecida.

A elaboração deste projeto foi, sem dúvidas, desafiadora em diversos aspectos. Tendo evitado disciplinas relacionadas à ilustração sempre que possível ao longo de toda minha graduação, foi curioso ao fim da mesma optar por um projeto que tanto envolvia técnicas desse tipo. Ainda mais quando se considera que as ilustrações deste trabalho foram feitas de forma digital, ou seja, ainda houve a adaptação ao meio. Para além da técnica, a empreitada por imprimir as capas e materializar os protótipos de cada álbum foi especialmente complicada e estressante dadas as particularidades do projeto. No entanto, o desafio de maior importância foi traduzir música em imagem, algo para o qual foi necessário muita sensibilidade. Se desprender de concepções prévias a respeito das músicas aqui contempladas, para deixar que os novos conjuntos de faixas, os álbuns do Efemérida, pudessem "falar por si" enquanto unidades, foi um exercício especialmente peculiar e divertido.

Encontrar um ponto de equilíbrio entre metal e Brasil no âmbito musical e, especialmente, no visual se provou uma corda bamba. Foi necessário um esforço contínuo para não se tornar clichê mas, ao mesmo tempo, não desvirtuar as tradições já estabelecidas do metal. Uma preocupação em fazer jus às tendências de cada subgênero abordado e ao mesmo tempo evitar tornar o projeto genérico. Em contramão, algo semelhante ocorreu na infusão do fator brasileiro à narrativa do Efemérida. O receio de se cair no estereótipo de Brasil que se tem fora do país acabou sendo uma trava pessoal e sinto que posso ter pecado pela falta de uma maior brasilidade estética nas capas elaboradas. Olhando em retrospecto, acredito que poderia ter me apropriado mais intensamente da arte brasileira em diversas facetas da confecção do projeto. Serve de aprendizado.

De qualquer forma, a verdade é que o desenvolvimento deste trabalho e todo o faz-de-conta que serviu de narrativa para embasar suas decisões artísticas foram de enorme proveito, divertimento e aprendizado. Saber "ler" o que o projeto pedia foi um ponto chave para o resultado obtido, visto que em vários momentos foi como trabalhar em parceria com o próprio projeto em si, um diálogo entre artista e obra.

Busquei, através do Efemérida, me expressar enquanto designer, artista, fã e pessoa. Mostrar que, assim como um inseto que se transforma ao longo da vida, tenho diferentes momentos, diferentes facetas, diferentes eus. A trajetória da banda, perpassando os subgêneros, tenta evidenciar não apenas a pluralidade do metal como um todo, mas seu dinamismo, trazendo diferentes vertentes da música pesada e mostrando que nela há muito mais do peso apenas.

Por fim, devo dizer que tomei gosto pela “brincadeira” e planejo dar continuidade à trajetória do Efemérida com pelo menos mais um álbum já sendo elaborado para além deste projeto. Não sei ao certo o que esperar do futuro mas sei que buscarei adentrar o mercado de design de capas de álbuns e *merchandising* de bandas em geral. E, nessa empreitada, o Efemérida será meu cartão de visitas.

No mais, o que me resta é a expectativa de que este projeto sirva de estímulo para aqueles que o lerem. Aos já iniciados no metal, um estímulo para que valorizem e apoiem as cenas locais, o *underground* do metal brasileiro. Aos até então leigos, um primeiro empurrão na esperança de que se abram para um gênero poderoso e plural, que pensa, subverte e emociona. E, por vezes, grita bastante, é verdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marco. *The Logo in the Heavy Metal Culture: Understanding and registration of existing codes and visual patterns*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2017.

AZEVEDO, Cláudia. *Fronteiras do Metal*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

BADIN, Olivier Zoltar. *20 Years Of Morbid Angel's Covenant*. In: Louder. Disponível em: <<https://www.loudersound.com/features/20-years-of-morbid-angel-s-covenant>>. Acesso em: 25 de junho de 2014.

BISPO, P. *Estudo de Comunidades de Ephemeroptera, Plecoptera e Trichoptera (EPT) em Riachos do Parque Estadual Intervales, Serra de Paranapiacaba, Sul do Estado de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

FRICONNET, Guillaume. *Establishing a taxonomy of metal subgenres based on quantitative musical and thematic features*. In: Metal Music Studies, vol. 8, 2. ed, p. 183–203. Limoges: 2022.

FRICONNET, Guillaume. *A k-means clustering and histogram-based colorimetric analysis of metal album artworks: The colour palette of metal music*. In: Metal Music Studies, vol. 9, 1. ed, p. 77-100. Limoges: 2023.

GUO, Yiqian. *The Comeback of the Medium: The History and Contemporary Revival of the Vinyl Record Industry*. Guangzhou: Universidade de Jinan, 2023.

HILLIER, Benjamin. *Considering genre in metal music*. In: Metal Music Studies, vol. 6, 1 ed, p. 5–26. Austrália: 2020.

HITCHINGS, Terry R.; STANICZEK, Arnold H. *Nesameletidae (Insecta: Ephemeroptera)*. In: Fauna of New Zealand 46, p. 72. Lincoln, Canterbury, Nova Zelândia: 2003.

LEONARD, Justin W. *Mayfly*. In: Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/animal/mayfly/>>. Acesso em: 06 de maio de 2024.

LİBEKS, Janis; TURNBULL, Douglas. *You Can Judge an Artist by an Album Cover: Using Images for Music Annotation*. Swarthmore: Swarthmore College, 2011.

MCIVER, Joel. *Sabbath Bloody Sabbath*. Londres: Omnibus Press, 2009.

SARTORI, Michel; BRITTAIN, John E. *Order Ephemeroptera*. In: Thorp and Covich's Freshwater Invertebrates: Ecology and General Biology, 4 ed, p. 873-888. Nova Iorque: Academic Press, 2015.

STINSON, Liz. *The Beauty and Total Illegibility of Extreme Metal Logos*. In: Wired.

Disponível em:

<<https://www.wired.com/2015/10/the-beauty-and-total-illegibility-of-extreme-metal-logos/>>.

Acesso em: 26 de abril de 2024.

WALL, Mick. *Iron Maiden: Run to the Hills, the Authorised Biography*. 3 ed. [S.l.]:

Sanctuary Publishing, 2004.

WILSON, Rich. *Lifting Shadows: The Authorized Biography of Dream Theater*. Classic ed.

Londres, Essential Works, 2009.

## APÊNDICE A - Informações técnicas sobre a efemérida no álbum progressivo

### 1.1 PAINEL ESQUERDO INTERNO DA CAPA (acompanhando ilustrações)

Ciclo de vida da *Ephemeroptera musicallis*

1. Eclodem em aproximadamente duas semanas.
2. Fase ninfal pode durar até dois anos.
3. Fase que pode variar entre alguns minutos e alguns dias de duração, quando ocorre a última troca de pele, dando origem ao imago.
4. Fase adulta, dura no máximo dois dias, tempo no qual os indivíduos se reproduzem e, em seguida, morrem.

### 1.2 PAINEL DIREITO INTERNO DA CAPA

1. Ovo: Postos na água, podem variar em tamanho, formato e quantidade.
2. Ninfa: Um máximo de cinquenta trocas de pele podem ocorrer nessa fase. Quando o crescimento do indivíduo se completa, a pele ninfal se divide nas costas do inseto e uma forma alada emerge: o subimago.
3. Subimago: Aparência geral semelhante à do imago, mas costuma haver uma variação no tamanho das pernas e da cauda, enquanto as asas costumam ser transparentes e a pele ter um tom de cor mais opaco.
4. Imago: Fase adulta do inseto. Após o acasalamento, a fêmea põe os ovos e ambos do casal morrem.

### 2.1 PAINEL ESQUERDO DO ENCARTE

Reino: Animalia

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Subclasse: Pterygota

Ordem: Ephemeroptera (Hyatt & Arms, 1891)

E • PHE • ME • ROP • TE • RA

Derivado do grego *ephemeros*, que significa "duração de um dia", relacionando-se à vida efêmera dos adultos.

Ordem Ephemeroptera

Insetos de corpo mole; olhos compostos; dois pares de asas membranosas - dianteiras de formato triangular e traseiras de formato mais arredondado e tamanho reduzido - em repouso mantidas apuradas sobre o corpo; aparelho bucal e sistema digestivo de adultos não funcionais; antenas curtas e eriçadas; indivíduos adultos têm duas ou três caudas filiformes, geralmente tão ou mais longas que o corpo; únicos insetos que realizam troca de pele após desenvolverem asas funcionais.

Conhecidos pela expectativa de vida extremamente curta, seu ciclo de vida é composto por 4 estágios – ovo, ninfa, subimago, imago. Além disso, em geral, estão associadas a ambientes aquáticos.

Os insetos dessa ordem podem ser conhecidos popularmente como “efeméridas”, “borboletas de piracema”, “siriruias”, “sarárás” ou “besouros de-maio”.

No Brasil, estima-se que existam cerca de 430 espécies.

## 2.2 PAINEL CENTRAL DO ENCARTE

Em imagos, a cabeça é sempre pequena e apresenta dorsalmente um par de antenas, três ocelos e dois olhos compostos. Os olhos compostos costumam apresentar um forte dimorfismo sexual, com os machos tendo olhos maiores que as fêmeas.

As pernas são compostas pelas seguintes partes básicas: coxa, trocânter, fêmur, tíbia, tarso e uma garra dupla, podendo esta última ser formada por dois unguilados ou um unguilado e um remo. Em algumas efemérides escavadoras, pode-se observar aborto das patas médias e traseiras, especialmente nas fêmeas.

O abdômen é primitivo e constitui 10 segmentos idênticos e formados por um tergito e um esternito, pelo menos nos segmentos 1 a 6. No esterno 7, as fêmeas costumam apresentar placa subgenital que cobre o gonóporo por onde os ovos são expelidos. A genitália masculina está localizada no esternito 9 e constitui uma placa estilígera, que possui uma pinça geralmente segmentada, e um pênis duplo, mais ou menos fundido, cujo formato é de grande importância taxonômica.

## 2.3 PAINEL DIREITO DO ENCARTE

Indivíduos em fase ninfal possuem uma única garra na extremidade de cada uma das seis pernas. A superfície da região torácica do corpo é arredondada para fora e apresenta as asas em desenvolvimento em almofadas externas na parte superior. A região abdominal é

geralmente longa e delgada. As brânquias estão fixadas na borda externa da superfície superior de alguns dos dez segmentos em que o corpo está dividido. O corpo da ninfa termina em três, menos frequentemente duas, caudas filiformes. O aparelho bucal das ninfas oferece um conjunto significativo de caracteres para identificar e diferenciar espécies de efeméridas.

\*\*\*

